



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Lidia Soares Pereira

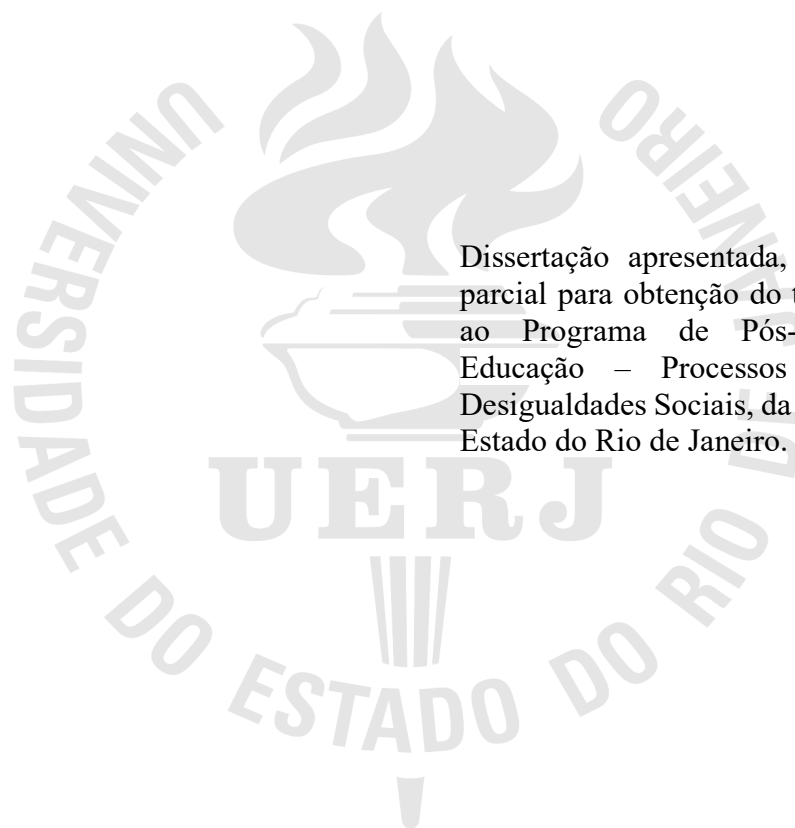
Fios de ouro em segredo e as possíveis dificuldades de ensinagem

São Gonçalo

2023

Lidia Soares Pereira

Fios de ouro em segredo e as possíveis dificuldades de ensinagem



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Helena Amaral da Fontoura
Coorientador: Prof. Dr. Sandro Tiago da Silva Figueira

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

P436
TESE

Pereira, Lidia Soares.

Fios de ouro em segredo e as possíveis dificuldades de
ensinagem / Lidia Soares Pereira. – 2023.
65f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Helena Amaral da Fontoura.

Coorientador: Prof. Dr. Sandro Tiago da Silva Figueira.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Estudo e ensino – Teses. 2. Prática de ensino –
Macaé (RJ) – Teses. 3. Professores de ensino fundamental –
Macaé (RJ) – Teses. I. Fontoura, Helena Amaral da. II. Figueira,
Sandro Tiago da Silva. III. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. IV. Título.

CRB/7 – 6150

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lidia Soares Pereira

Fios de ouro em segredo e as possíveis dificuldades de ensinagem

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Helena Amaral da Fontoura (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Sandro Tiago da Silva Figueira (Coorientador)
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Vania Finholdt Angelo Leite
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Ana Ivenicki
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu querido pai-amigo, in memoriam, homem de fé, coragem e caráter ilibado, que sempre esteve ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo privilégio do meu viver; vivências, experiências cujos movimentos da minha trajetória acadêmica possibilitou-me a realização de um sonho muito especial – Mestrado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

À professora, Helena Amaral da Fontoura, minha orientadora, uma pessoa simplesmente extraordinária, por suas palavras amiga e assertivas que acalmaram o meu coração, conduzindo-me a caminhos potentes na construção do meu trabalho.

Ao professor, Sandro Tiago da Silva Figueira, meu coorientador, pela sua acolhida e olhar atento ao meu trabalho cujas contribuições foram extremamente significativas.

À professora, Vania Finholdt Angelo Leite, uma pessoa incrível, que promoveu oportunidade de construção de novos conhecimentos na trajetória da vivência na disciplina de mestrado Seminário de Pesquisa, com suas orientações potentes e vívidas, como também na Banca de Qualificação de Mestrado.

À professora Ana Ivenicki, pela generosidade em fazer parte da Banca Examinadora.

Às quatro queridas professoras, colaboradoras da pesquisa, colegas de trabalho, que não mediram esforços em participar e contribuir com suas vivências e experiências docentes.

À direção e equipe técnica da escola, pela compreensão e acolhida na realização do trabalho.

À minha mãe, Jecy Soares Pereira, mulher guerreira, sábia e destemida que sempre me apoiou, e me orientou com os seus conselhos e palavras abençoadoras.

Ao meu irmão, Wagner Soares Pereira, professor e mestre; por me ouvir e me aconselhar sempre que eu precisava, como também ter realizado a transcrição das entrevistas com muito esmero.

Ao meu irmão Eduardo Soares Pereira, as minhas irmãs Cláudia Soares Pereira, Catia Soares Medeiros, Fatima Soares Pereira da Silva Braga, Elizabeth Soares Pereira e a minha cunhada Jemima do Nascimento Soares, pelo carinho e compreensão da minha ausência nos momentos de dedicação à pesquisa.

Aos meus sobrinhos Gabriel Soares Medeiros e Théó Maia Medeiros, meus queridos.

As minhas sobrinhas Suzana Santos Soares Pereira, Isabela Soares Medeiros e Laís Soares Pereira do Nascimento, minhas princesas.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

Guimarães Rosa

RESUMO

PEREIRA, Lídia Soares. *Fios de ouro em segredo e as possíveis dificuldades de ensinagem*. 2023. 65f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Ensinar: instruir; doutrinar; educar; treinar; adestrar. À luz da palavra dicionarizada, a ensinagem é o processo vivenciado pelos professores no que tange à práxis pedagógica, no intuito de potencializar o desenvolvimento e o aprimoramento da aprendizagem dos estudantes. Esta dissertação intitulada “Fios de ouro em segredo e as possíveis dificuldades de ensinagem” visa analisar narrativas de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental que atuam com alunos identificados com possíveis dificuldades de aprendizagem. Os docentes fazem parte de uma escola pública municipal de Macaé/RJ. O estudo se embasa em uma pesquisa de abordagem qualitativa, por possibilitar um olhar investigativo/reflexivo com as contribuições de autores que problematizam a questão das dificuldades/das aprendizagens dos sujeitos como Fernández, Porto e Sampaio. No que tange à prática docente, apoiamos-nos em Tardif, Arroyo e Nóvoa. A análise dos achados foi feita através da Tematização proposta por Fontoura. Neste cenário, temos como instrumento da pesquisa quatro entrevistas narrativas, realizada com as professoras participantes. Consideramos que as principais contribuições desta pesquisa são a produção de conhecimentos construídos pelas professoras em uma relação transformadora no cotidiano escolar no que tange ao ensino e à aprendizagem dos estudantes, assim como um olhar outro para lidar com rótulos atribuídos a alunos que desenvolvem mais lentamente seus processos de aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldades de ensinagem. Prática dos professores. Entrevista narrativa.

Tematização.

ABSTRACT

PEREIRA, Lidia Soares. *Golden threads in secret and the possible difficulties of teaching*. 2023. 65f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

To teach: to instruct; indoctrinate; educate; coach; train. In the light of the dictionary, teaching is the process experienced by teachers concerning pedagogical praxis, in order to enhance the development and improvement of student learning. This dissertation entitled "Golden threads in secret and the possible difficulties of teaching" aims to analyze narratives of teachers of the early years of elementary school who work with students identified with possible learning difficulties. The teachers are part of a municipal public school in Macaé/RJ. The study is based on a qualitative research, because it allows an investigative/reflective look with the contributions of authors who problematize the issue of students' learning difficulties, such as Fernández, Porto and Sampaio. Regarding teaching practice, we rely on Tardif, Arroyo and Nóvoa. The analysis of the findings was developed through the Thematization proposed by Fontoura. In this scenario, we have as a research instrument four narrative interviews, conducted with the participating teachers. We consider that the main contributions of this research are the production of knowledge built by teachers in a transformative relationship in the daily school life with regard to the teaching and learning of students, as well as another look to deal with labels attributed to students who develop in a slower manner their learning processes.

Keywords: Teaching difficulties. Teachers' practice. Narrative interview. Thematization.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: TESSITURAS DE FIOS DE CONVIVÊNCIAS, FORMAÇÃO, TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOCENTE	9
1	FIOS METODOLÓGICOS: ENTREMEIOS DA PESQUISA ..	22
1.1	Metodologia: abordagem qualitativa e os fios sem retrós	26
1.2	Os sujeitos da pesquisa: quatro professoras do ensino fundamental de uma escola pública do município de Macaé	30
1.3	Profissão professor - Os desafios de laço e entrelaço	34
2	CONTEXTO DA DOCÊNCIA	39
2.1	Dificuldades de ensinagem: narrativas de professoras	39
2.2	Caminhos e estratégias nas dificuldades de ensinagem: saberes, práxis e experiência	48
2.3	Ensinagem e pandemia: ziguezagues no ensino e na aprendizagem	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO: TESSITURAS DE FIOS DE CONVIVÊNCIAS, FORMAÇÃO, TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOCENTE

Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP), vivencio a rica trajetória de um dia ter me sentido convidada pela Educação a fazer parte da história do ensino das series iniciais na tessitura do ensino fundamental, e assim vivenciar um universo rico de descobertas, através dos compartilhamentos de saberes com alunos e professores no dia a dia da escola.

A expectativa de um dia realizar uma pesquisa voltada para uma questão que muito me inquietava torna-se realidade, escrever sobre as dificuldades de ensinagem. Assim, compartilho em minha pesquisa as entrevistas narrativas de 04 (quatro) professoras das series iniciais no que tange às dificuldades de ensinagem para com os alunos ditos com dificuldades de aprendizagem. Freire, em seu livro *Pedagogia da Esperança*, nos encoraja com a seguinte afirmação: “O caminho se faz caminhando”. Compartilhadas entrevistas narrativas permeadas por conquistas e lutas em prol da profissão que escolheram se dedicar e contribuir para a existência de um mundo melhor.

Trazer a ideia dos “Fios de Ouro em Segredo e as Possíveis Dificuldades de Ensinagem” me fez refletir sobre cada fio tecido. Cada fio representa os diferentes caminhos percorridos ao longo da minha trajetória, cujas marcas testemunham segredos nas histórias de vida dos sujeitos com os quais tive a oportunidade de ensinar, estes segredos são *firos de ouro*, não sei como foram tecidos, mas eles estão lá. Fio a fio, unidos, fortalecidos, tecendo histórias e ressignificando saberes na arte do conhecimento.

Trago as contribuições em entrevistas narrativas das professoras colaboradoras para as ações investigativas/reflexivas no intuito de buscar compreender as inquietações das docentes que atuam na sala de aula com os alunos dos anos iniciais cujas falas são carregadas de questionamentos. Todavia, em suas práticas- didáticas, procuram superar os pontos negativos que dificultam a realização do trabalho, norteadas suas experiências por meio de formação continuada, compartilhamento de saberes e em especial, no ensino e na aprendizagem dos estudantes.

Sendo assim, enquanto professora-pesquisadora-cidadã, me propus com destemor a realização desta investigação no campo do ensino e da aprendizagem na busca pela reflexão das dificuldades de ensinagem no que tange ao docente como também sobre a ressignificação da minha práxis, impulsionada pela pesquisa- reflexão - ação.

MEMORIAL: Do casulo à borboleta: memórias e narrativas reflexivas

... O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade

O tempo me leva a refletir: o que seria de nossos pensamentos sem o maravilhoso mundo da leitura e da escrita? Lembro-me que desde criança muitas ideias ‘viajavam’ em minha mente, de como era a vida, as coisas, as pessoas, o mundo. Assim, me encantavam as descobertas através das leituras, das imagens, da música, de tudo que representava a possibilidade de novos sentidos à minha aprendizagem.

Minha mãe havia me alfabetizado antes mesmo dos seis (06) anos de idade. Como assim? Tantos afazeres domésticos, tantos filhos para cuidar, nessa época já éramos quatro (04), o número de filhos ficou completo com sete (07). Entretanto, sempre a questionava sobre coisas que a mim pareciam importantes, palavras em livros, em revistas em jornais e ela carinhosamente as lia. Assim, fui produzindo meu próprio caderno de escrita e observações.

Filha primogênita, de pais cristãos, amantes da vida e do mundo; fui educada para ser livre e ser feliz. A minha infância foi marcada de muitas brincadeiras com os meus irmãos e amigos, brincávamos na rua, no quintal da casa, brincávamos na árvore, brincávamos de bola, brincávamos de tudo que crianças saudáveis e felizes gostam de fazer; contudo, nunca deixei de priorizar as lições de casa, as pesquisas escolares, sabia separar o momento entre uma atividade e outra.

Estudei todo o ensino fundamental I e II em uma única escola – Escola Estadual Frederico Azevedo no bairro de Itaúna, município de São Gonçalo. Momentos de muita aprendizagem e conhecimento, afinal, nessa época como qualquer criança em qualquer parte do mundo, a minha vida era estudar e brincar, e vice-versa. Lembro-me com carinho dos meus professores, dedicados e comprometidos com a educação de qualidade, apesar das fragilidades do sistema público de educação. Posso afirmar que a minha educação foi construída em uma base sólida, os meus pais sempre me apoiaram, sempre contribuíram em uma visão de construção de novos saberes no intuito que eu viesse a alçar novos voos.

Fui estudar o ensino médio em uma escola um pouco distante da minha casa, Colégio Liceu Nilo Peçanha, no município vizinho – Niterói, pois eu morava em São Gonçalo, cidade onde nasci e vivenciei toda a minha infância, adolescência e juventude. Tive experiências extraordinárias. O ensino desta escola priorizava uma educação de qualidade, democrática, e

uma visão política descentralizadora, pois o objetivo era não somente ensinar, mas também formar cidadãos preparados para a vida.

Cursei Ciências Econômicas na Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Seria a primeira da família a cursar uma universidade, quanto orgulho! Um membro da família cursando uma universidade. Vivenciar o espaço da universidade foi algo ‘mágico’. Leituras acadêmicas, pesquisas, discussões voltadas para as questões históricas, políticas e econômicas do nosso país e do mundo, aprendi muito.

Trabalhei em algumas empresas particulares, entretanto, houve um momento da minha vida que ao revisitar o meu baú de memória lembrei-me que algumas pessoas solicitavam à minha mãe que eu e meus irmãos ensinássemos aos seus filhos, em razão das dificuldades de aprendizagem que, apesar de estarem matriculados nas instituições de ensino, não conseguiam acompanhar as atividades propostas no contexto nos quais estavam inseridos.

Certo dia, coloquei uma placa de explicadora no portão da casa minha mãe. Pensei: será que os pais virão até a mim no intuito de potencializar a aprendizagem dos seus filhos? Para minha feliz surpresa, em um curto espaço de tempo, uma senhora matriculou três (03) crianças, dois (02) irmãos e um (01) primo e logo em seguida vieram mais alunos, de forma tal que foi necessário atender aos sábados. Vivenciei cotidianamente com estes alunos a transformação da minha vida como profissional, na verdade a arte de ensinar estava em mim e eu não sabia. Saí do casulo. Entendi que precisava seguir em frente na tessitura do ensino e da aprendizagem.

Narro essas experiências e esse encantamento, para dizer um pouco de mim e sobre o meu retorno à universidade. Havia sido afetada pelo ensino, a arte de educar estava impregnada em mim. Nesse movimento, decido prestar o vestibular para a Faculdade de Formação de Professores da UERJ – FFP/UERJ com o objetivo de cursar Licenciatura Plena em Pedagogia. Isso aconteceu no ano de 2005. Me encantei pelo curso, pela universidade, por tudo que envolvia educação. Ficou claro para mim que a educação havia me escolhido e eu havia aceitado o convite de seguir em frente na construção de novos conhecimentos. Envolvida nessa perspectiva de um novo olhar sobre o futuro, sigo a trajetória do caminho apontado.

Dediquei-me ao curso de corpo e alma. Leituras sobre a filosofia, história da vida, história dos homens, escritas, participações em palestras, seminários e congressos. Era exatamente o lugar onde eu queria estar. Compartilhar saberes. Vivenciar experiências. Compreender melhor as pessoas e principalmente a vida acadêmica. E lá estava eu. Sentada em um banco da universidade, ou melhor, na cadeira universitária da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. A maioria dos universitários recém-saídos do ensino médio, mas isso não impedia que me sentisse acolhida naquele espaço.

Já nos primeiros períodos tive a plena certeza que havia escolhido o curso certo. Licenciatura Plena em Pedagogia. Leituras, discussões, pesquisas e tantas outras experiências da sala de aula que confirmavam a minha escolha. Era um momento mágico. Estar em um espaço de formação de professores era algo diferente, desafiador, intrigante, envolvente e formativo.

A Faculdade de Formação de Professores possibilitou-me a oportunidade de participar como bolsista voluntária do projeto de pesquisa “O cão como mediador para as crianças com necessidades educativas especiais”, coordenado pela Professora Vanessa Breia, que ampliou a minha visão sobre a educação especial. Os encontros desta pesquisa aconteciam em parceria com algumas escolas públicas do município de São Gonçalo. Ao término deste projeto ingressei em outro - Projeto de Iniciação à Docência intitulado “A Produção dos Sentidos na Educação de Jovens e Adultos”, coordenado pela Professora Márcia Alvarenga, cujo lócus da pesquisa foi o Colégio Municipal Castelo Branco, também no município onde se localiza o *campus* da universidade (São Gonçalo); ambos os projetos me proporcionaram novos saberes sobre o ensino e a educação nos caminhos da docência.

Em março do ano de 2009, concluo o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e, em 2010, sou convocada pelo concurso público do município de Macaé para trabalhar como professora regente das series iniciais. Escolhi trabalhar na Região Serrana, no Colégio Municipal Pedro Adami. Uma escola que atende alunos do ensino fundamental I e II, como também na Modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) – Fundamental I e II e o Ensino Médio. Atuei nas series iniciais e, antes mesmo de completar o período do estágio probatório de três (03) anos, fui convidada a fazer parte da equipe técnica, como coordenadora geral.

No ano de 2015 participei do processo democrático de eleição de diretores nesta escola, assim, juntamente com as professoras da chapa, fui eleita como diretora adjunta para um mandato de três (03) anos, (2016/2017/2018), conforme Lei Complementar 234/2011, cujo trabalho foi desenvolvido baseado em uma gestão democrática, o que me possibilitou ampliar o entendimento sobre a educação e o ensino.

Em 2011, fui convidada como egressa da FFP/UERJ a participar do Projeto “Residência Pedagógica: percursos de formação e experiências docentes na Faculdade de Formação de Professores da UERJ”, coordenado pela Professora Helena Amaral da Fontoura, no qual tive a oportunidade de produzir um artigo intitulado: “Formação Docente: os caminhos percorridos de uma professora” que trata das práticas e experiências vivenciadas na/da sala de aula, publicado em livro, que compartilha muitas experiências reflexivas sobre o fazer docente (SOARES, 2011).

No ano de 2020, ingresso no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Uerj (FFP/UERJ). Um sonho realizado, afinal, desde o início da graduação eu já havia me proposto a fazê-lo, no intuito dar continuidade à minha formação acadêmica.

Conforme expressa Tardif (2012, p.35) “todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; [...]. Assim, um fio apega-se a um outro fio, e novos fios vão se unindo na trajetória profissional-docente”.

Fios de vivências e experiências na escola: trajetória de aprendizagem profissional

Em minha vivência docente no chão da escola, me confrontei com realidades bem distintas, alunos que aprendem e seguem em frente sem nenhum embaraço, mas também com aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem mediante os conteúdos e as atividades que lhes são propostos, fazendo-me entender que necessitam de mais tempo e mais atenção em relação aos demais colegas de classe para reter e compreender as informações e as atividades propostas. Isso me trouxe inquietação, pois o objetivo do meu trabalho como professora e articuladora do conhecimento é que todos aprendam e que o ensino produza sentido na construção do saber.

Fernández (2011, p.51) salienta “que o homem é um ser histórico, que cada geração acumula conhecimento sobre o anterior, e o humano vai se tornar humano porque aprende”. Na visão da autora, o conhecimento não pode ser transmitido em bloco. Deve ser pensado um modelo, o que ela o chama de um “emblema” de conhecimento. Ou seja, ela nos propõe pensar que todo ser humano aprende; entretanto, somos seres diversos, e por isso, é preciso que o sujeito seja aproximado ao conhecimento.

Alguns alunos das series iniciais do ensino fundamental trazem dificuldades de aprendizagem quase imperceptíveis, porém as atitudes e os comportamentos demonstram insegurança, fragilidade, pois no momento no qual são convidados a participarem e debaterem sobre determinados assuntos ou conteúdos, buscam por algo que traga distrações, tanto para si quanto para outrem na sala de aula, de modo que essas estratégias sirvam de fuga para camuflar as dificuldades, e assim tentar seguir em frente.

Durante a minha trajetória docente na rede pública municipal como professora do ensino fundamental convivi com as narrativas de colegas com pouca ou muita experiência cujos argumentos cotidianos eram sobre alguns alunos que apresentavam muitas dificuldades para aprender; então, afirmavam o seguinte: *não consigo, não sei mais o que fazer, já esgotaram*

todas as minhas estratégias. Ou seja, indiretamente os docentes estariam afirmando: *não sei como ensinar a este aluno, preciso de apoio, preciso de ajuda.* Assim, vivenciavam momentos de dúvidas, tristezas e frustrações.

Estes professores, em sua maioria, compartilhavam sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos com a equipe técnica da escola cujas queixas eram devidamente informadas no parecer pedagógico, para que houvesse os respectivos encaminhamentos; entretanto, em alguns casos mais específicos, os professores buscavam primeiramente ouvir pais e responsáveis no intuito de encontrarem as possíveis soluções.

Fernández (1991, pp. 47- 48) salienta que “para aprender, necessitam-se dois personagens (*ensinante e aprendente*) e um vínculo que se estabelece entre ambos”. A autora esclarece que “o aprender transcorre no seio de vínculo humano cuja matriz toma forma nos primeiros vínculos mãe-pai-filho-irmão, pois a prematuridade humana impõe a outro semelhante adulto para que a criança, aprendendo e crescendo, possa viver”.

Em se tratando da aprendizagem, a autora assegura que:

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica é sua raiz corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo por meio da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação-acomodação. No humano, a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto. Para dar conta das fraturas no aprender, necessitamos atender aos processos (à dinâmica, ao movimento, às tendências) e não aos resultados ou rendimentos (sejam escolares ou psicométricos).

O discurso em voga nos remete à argumentação de Canário (2006, p. 36) que diz: “nos processos de aprendizagem, as pessoas são, alternadamente, objeto, sujeito e agente de aprendizagem, e é esta alternância que define a reversibilidade de papéis educativos”. Esta afirmação nos faz compreender que existe uma relação entre o educando, o professor e o contexto social no qual ambos estão inseridos. Nesse viés de entendimento, Fernández (1991, pp. 50-51) busca tratar a função da aprendizagem e a aprendizagem como função, nos convidando a encarar “a aprendizagem como um processo e uma função, que vai além da aprendizagem escolar e que não se circunscreve exclusivamente à criança”.

Sendo assim, ela clareia o pensamento do leitor trazendo a seguinte explicação:

Fazendo uma simplificação, uma abstração do processo de aprendizagem, encontramos-nos ante uma cena em que há dois lugares: um onde está o sujeito que aprende e outro onde colocamos o personagem que ensina. Um pólo onde está o portador do conhecimento e outro pólo que é o lugar onde alguém vai tornar-se um sujeito. Quer dizer que não é sujeito antes da aprendizagem, mas que vai chegar a ser sujeito porque aprende.

Porto (2009, p.56) menciona que “atualmente, a importância dada aos problemas de aprendizagem tem aumentado significativamente”. A autora ressalta que este fato é resultado da visão de que o sucesso do sujeito está diretamente relacionado ao desempenho escolar, com isso cada vez mais tem aumentado o número de crianças atendidas por psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, neuropediatras e psiquiatras. A autora ainda acrescenta em seu argumento que:

as dificuldades específicas de aprendizagem se referem àquela situação que ocorre com crianças que não conseguem acompanhar um grau de adiantamento escolar compatível com sua capacidade cognitiva. Muitas crianças em fase escolar apresentam dificuldades em realizar certas tarefas, que podem surgir por diversos motivos, como proposta pedagógica, capacitação do professor, problemas familiares, déficits cognitivos, entre outros motivos. (2009, p.56)

Ao pensar sobre o saber docente, Tardif (2012, p.31) afirma que “um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. É de extrema importância a consideração da metodologia de ensino e o envolvimento do professor com o aluno, mas é possível que existam outras variáveis como questões sociais, psicológicas, econômicas, culturais que perpassem as relações do processo do ensino-aprendizagem do indivíduo. Esta conexão de vivências só será enraizada através do conhecimento das histórias de vida daqueles que ainda não conseguiram alcançar os resultados esperados pelo sistema institucional.

Sampaio (2011, p.61) salienta que:

é imprescindível que o educador seja alguém capaz de não apenas transmitir conhecimento mas também de construir com a criança este conhecimento, transmitindo valores e emoções, para que a criança não permaneça enrijecida com os sentimentos provocados pelas dificuldades por que passa e seja capaz de descobrir que existem outras formas de lidar com seus sentimentos [...].

Torna-se necessário levar em consideração os sentimentos de baixa autoestima, medo e insegurança que o aluno possa apresentar na sala de aula; o professor precisa estar atento a esses tipos de comportamentos, reforçando o sentimento de autoestima, com o objetivo de promover no aluno mais autonomia em suas decisões.

Nóvoa (1992, p.17) já afirmara que “a maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino”. Na concepção do pensamento de Nóvoa, entendo que a profissão-professor está directamente atribuída àquilo que somos ou que pretendemos ser, de modo que a ensinagem é a práxis/o pensar/os saberes alinhavados com a formação inicial e a formação continuada que

potencializam a trajetória docente e o papel do professor nas escolas e todos os espaços que dialogam com os saberes, enfim, na sociedade.

Convivi com professores do ensino fundamental I graduados no ensino superior e com uma vasta bagagem cultural, porém alguns, ao se depararem com situações adversas da sala de aula, dizem se sentirem “desprotegidos” pelo sistema educacional por não atender às suas expectativas em relação à proposta de ensino apresentada e, ao receberem turmas bem heterogêneas, incluindo os alunos com dificuldades de aprendizagem, tiveram como primeiro impacto a sensação de não saber exatamente o que fazer.

Freire (2006a) diz que “ensinar exige apreensão da realidade”, afirma que o professor precisa se mover com clareza a despeito de sua prática. A ensinagem advinda da prática da docência entende-se que são fios entrelaçados em processo contínuo na relação com os alunos sobre ensino, aprendizagem, histórias de vida e trajetórias escolares. Os alunos são sujeitos de aprendizagem, do convívio com a família, a escola, como também do mundo que os cerca.

Parafraseando Arroyo (2011), afirmo que não nascemos professores, nos fazemos. *Aprendemos a ser*. Nessa linha de pensamento, entendo que essa preocupação dos professores que se sentem fragilizados tem inviabilizado alguns profissionais a acreditar em suas próprias experiências de ensino, em seus saberes e fazeres docentes. Como ressalta Arroyo, na nossa caminhada da aprendizagem *há sucesso e fracasso* afinal, *todos passamos por longos processos de aprendizagem humana*. Nessa perspectiva, nos constituímos desempenhando o nosso papel, nosso ofício na arte de ensinar e aprender.

Fernández (1991, p.52) afirma que “não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. Em se tratando do *ensinante* tornar-se necessário a escolha de uma situação, um recorte daquilo que se pretende ensinar e quais resultados o *ensinante* almeja alcançar, pois:

além do mais, não transmite, em verdade, conhecimento, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa, transformando-o, reproduzi-lo. O conhecimento é conhecimento do outro, porque o outro o possui, mas também porque é preciso conhecer o outro, quer dizer, pô-lo no lugar do professor (que podem ser os pais ou outras instâncias que vão ensinar) e conhecê-lo como tal.

Libâneo (2015) traz a discussão sobre a importância de “Uma escola para novos tempos”, uma escola que não exclua. Ressalta sobre a importância de políticas públicas adequadas à realidade política/social/econômica do Brasil; reconhece que os avanços científicos e tecnológicos promovem o desenvolvimento da economia, todavia, segundo o autor, existe a contrapartida do aumento da exclusão social em decorrência do não acesso ao

ensino. É preciso encarar o desafio da mudança, do progresso, porém, “a escola de hoje não pode limitar-se a passar informação sobre matérias, a transmitir o conhecimento do livro didático” (LIBÂNEO 2015, p. 49), senão estaríamos caminhando na contramão da história da luta de todos que se empenharam por uma educação democrática.

A escola é o lugar que potencializa diálogo, saber, conhecimento, novas aprendizagens, experiências, assim, nesta perspectiva, a ensinagem organicamente instituída na pessoa-professor possibilitará encontrar outros caminhos possíveis de uma prática pedagógica objetivando a todos que anseiam pela liberdade do maravilhoso mundo da leitura e da escrita e principalmente àqueles que ainda não conseguiram escrever a sua própria história. Como diria Freire (2006a, p.76), “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Os fios começam a ser tecidos... o alinhar da pesquisa: objetivos e justificativa

Os comportamentos dos sujeitos vistos como aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem no processo ensino-conhecimento e que às vezes demora a aprender e apreender o que lhe é ensinado, favorece a culpabilização àquele que não sabe. Informo que para fins deste trabalho encontramos na literatura acadêmica o termo dificuldades de aprendizagem, porém não é suficiente para o foco de análise pretendido.

Desse modo, tratarei dos temas emergentes sob o viés do processo de ensinagem, na concepção de Fernández (2011), tendo como colaboradoras da pesquisa quatro (04) professoras das series iniciais, no intuito de compreender suas práticas docentes e as estratégias pedagógicas utilizadas, de modo que o ensino produza sentido para o aluno.

O alinhar da pesquisa multifacetado pelos fios que buscam o entendimento sobre a ensinagem das professoras em suas práticas cotidianas possibilita conhecermos um pouco sobre suas histórias de vida, vivências docentes, formação e perspectivas de trabalho. Narrativas cujas reflexões as farão revisitar suas práticas de ensino como também as suas memórias afetivas

Objetivo Geral:

- Refletir sobre as possíveis dificuldades de ensinagem de professoras das series iniciais em suas práticas docentes.

Objetivos Específicos:

- Identificar nas entrevistas narrativas das professoras os relatos sobre as possíveis dificuldades de ensinagem em sua relação cotidiana com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.
- Identificar as estratégias de enfrentamento às dificuldades desenvolvidas pelas professoras no intuito de potencializar o ensino e aprendizagem dos seus alunos.

Justificativa: como nasce a pesquisa?

Porto (2009, p.53) esclarece “que as dificuldades de aprendizagem do aluno implicam o estudo da rede de relações cotidianas nas quais ele está inserido”. É preciso organizar, planejar e reavaliar as atividades diariamente, em uma visão articulada com a visão de mundo, atividades que avaliem a aprendizagem do aluno de forma que os aspectos qualitativos sobreponham os aspectos quantitativos, pois afinal o sentido maior é justamente dar sentido na vida dos sujeitos no seu processo de ensino/aprendizagem, valorizá-los como seres conscientes da sua vontade e desejos, como seres humanos, como cidadãos.

O interesse pela pesquisa “Fios de Ouro em Segredo e as Possíveis Dificuldades de Ensinagem”, com foco em professoras das series iniciais em sua prática docente, resulta das observações decorrentes da trajetória como professora regente do ensino fundamental I, desde 2010, na rede pública do município de Macaé. Ao tomar posse no concurso público para Professora A, assim que é convencionada a sigla no município de Macaé para as series iniciais, escolhi atuar em uma escola polo cuja clientela de alunos compreendia atender o ensino fundamental I, o ensino fundamental II e a modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos, (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio). Senti muita preocupação ao perceber que ainda existem dentro das salas de aula alguns alunos que apresentam muitas dificuldades para aprender e compreender os conteúdos e as atividades propostas.

Em nossos encontros de horários de atividades e rápidos diálogos de corredores, ressoava a preocupação dos professores sobre a aprendizagem dos estudantes ao perceberem as possíveis dificuldades e esta situação incomodava, pois entendiam que não conseguiam ensiná-los, apesar de suas experiências, formações continuada, diálogos docentes e reflexões sobre a prática pedagógica. Neste sentido, entendo que se torna necessário a busca por caminhos de mudança em prol dos sujeitos *aprendentes*, pois cada um aprende e apreende na sua especificidade, ser diferente é inerente ao ser humano.

Compreender os *fios de ouro* tecidos nas trajetórias docentes das professoras, como também nas suas práticas na/da sala de aula e as possíveis dificuldades de ensinagem com estes estudantes, é uma tarefa que requer relação bem próxima do ser humano, buscar entender a potencialidade cognitiva, afinal, assim como os fios que se alinham a outros fios para o fim desejado, somos um tecido no conjunto. Acredito que o processo ensino- aprendizagem é algo contínuo e que a cada nova experiência o indivíduo se refaz, podendo se considerar este processo para ambos, tanto o docente quanto o discente.

Freire (1979, p.19) já dizia “para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar”.

Assim, percorro caminhos cujas experiências e saberes práticos e reflexivos me fizeram sentir inquietada por investigar os sentidos produzidos no que tange ao ato de ensinar em relação àqueles que são ditos com possíveis dificuldades de aprendizagem e busco indagar que estratégias as professoras-ensinantes têm buscado no intuito de potencializar conhecimentos e saberes neste processo de desenvolvimento que faz parte do ser-humano, ser-pensante, ser-democrático, este ser que sempre deseja ser.

Contexto da Pesquisa: fios da história e memória da escola

A Escola Estadual Municipalizada Córrego do Ouro teve sua origem a partir da transformação da Escola Reunida Córrego do Ouro que funcionava em outro espaço. A Escola Reunida era uma escola de classes multisseriadas, porém, com o aumento da demanda populacional em idade escolar, o Governo do Estado do Rio de Janeiro decidiu implantar um grupo escolar na localidade, para que os alunos fossem atendidos em séries de acordo com a faixa etária e nível de escolaridade. Essa implantação aconteceu com a colaboração do fazendeiro da região na época, senhor Pedro Adami¹, que doou o terreno para a construção do prédio e, em 01/06/1954, através do Decreto nº 4.723, publicado no Diário Oficial – D.O de 02/06/1954, foi criada a Escola Estadual Córrego do Ouro tendo como mantenedor o Governo do Estado do Rio de Janeiro, atendendo desde a antiga primeira série até quarta série do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos.

¹ Imigrante italiano que em nome de um sonho funda uma vila. Loteia uma grande parte da fazenda e doa vários lotes para as necessidades da então Vila de Córrego do Ouro, como lotes para igrejas Católica e Batista, cemitério, campo de futebol, e várias outras doações, dentre elas está o terreno da Escola Estadual Municipalizada Córrego do Ouro. Disponível em: <<http://www.macaee.rj.gov.br/sedec/leitura/noticia/corrego-do-ouro-realiza-sua-tradicional-festa-neste-final-de-semana>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

A Escola Estadual existiu até 30/07/1993, pois foi municipalizada e teve a seguinte denominação: Escola Estadual Municipalizada Córrego do Ouro. No período de 2005 até 2009, a escola teve a incumbência de atender outras escolas próximas, pois passou ter a referência de Escola Polo, tendo como escolas nucleadas: Jardim de Infância Menino Jesus (Lei nº 790/82 de 28/06/82, o Pré-Escolar Córrego M. Ouro (Lei nº 2272/02 de 16/10/02), Creche Escola Córrego do Ouro (Lei nº 2272/02 de 16/10/02) e a Creche Escola Municipal Criança Feliz (Lei nº 2826/06 de 09/10/06).

Em 2010 a Escola Municipalizada Córrego do Ouro deixa de ser Escola Polo e o ensino da Educação de Jovens e Adultos se encerra, passando a atender somente o Ensino Fundamental I, primeiro (1º) ano até o quinto (5º) ano de escolaridade. A unidade atende nos primeiro (1º) e segundo (2º) turnos das series mencionadas, assim, boa parte da população do seu entorno e uma pequena parte fora do entorno, visto que alguns alunos residem em fazendas, filhos de trabalhadores rurais. Esta organização da instituição permanece até os dias de hoje. Ela está sediada no perímetro urbano do 2º distrito do município de Macaé, que faz parte da Serra Macaense.

A cidade de Macaé manteve-se por um longo período sendo reconhecida com exclusividade como “A cidade do petróleo” – O ouro negro pois, “em 1977, a Petrobrás inicia a construção de suas instalações em Macaé, utilizando-se de uma área de quase 200 mil metros quadrados entre a Praia de Imbetiba e a Praia Campista” (CARVALHO, 2019). Assim, vivenciou por algumas décadas momentos de investimentos expressivos, crescimento e desenvolvimento social e econômico porém, após uns trinta (30) anos de glória, o cenário se mostra fragilizado em razão de algumas variáveis no mercado, como por exemplo, diversificação de atividades trabalho e, principalmente, a instabilidade governamental em razão da crise econômica da década de 2010. Todavia, minorado os efeitos da crise, experimenta novas perspectivas de mercado dentro e fora do país. Novos investimentos, construções e inovações, tendo como um dos objetivos principais a valorização do ensino, da educação.

²Atualmente Macaé é considerada cidade do saber e do conhecimento, por possuir em sua rede de ensino 6.400 profissionais que atendem 40 mil alunos em 106 escolas municipais. Levando-se em conta que o município possui uma população em torno de 260.000 habitantes, então há de se considerar o esforço para garantir e manter a educação para os estudantes em idade escolar.

²Disponível em: <<https://www.macaee.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/macaee-cidade-do-saber-e-do-conhecimento>>. Acesso em: 05 set. 2021.

O município tem se fortalecido como um dos principais polos educacionais do estado em razão das ações implementadas pela Secretaria de Educação, entre elas estão: atendimento a todas as crianças de dois (02) a cinco (05) anos de idade em creches e pré-escolas e na educação infantil, eleição direta para diretores assegurando a democratização da gestão escolar, como também a valorização dos professores através do oferecimento da formação continuada e de melhores salários se comparado a municípios vizinhos.

Neto *et al.* (2019, p. 33) relatam em sua análise que Macaé é o município na região norte fluminense do Rio de Janeiro que abriga o aglomerado produtivo ligado à cadeia produtiva do petróleo e gás da Bacia de Campos. E segundo os autores “sob a influência das atividades dessas empresas, a partir dos anos 2000, o município de Macaé vem se destacando no processo de crescimento econômico”.

Entendemos que o crescimento e o desenvolvimento econômico trazem consigo a necessidade de uma população cuja mão-de-obra esteja preparada para atender a demanda de mercado, sendo assim, o campo do saber voltado para educação será o destaque principal nesta relação conhecimentos, formação e experiência.

A professora Couto (2019), em sua breve análise da educação em Macaé, reflete sobre um período cujo recorte compreende os anos de 2012-2018. Ela salienta que apesar da crise econômica vivenciada pelo Brasil basicamente neste período e as fragilidades do sistema educacional, em Macaé “a educação ocupa lugar estratégico, pois simbolicamente remete à ideia de sucesso”.

Diante do exposto, acreditamos que as políticas efetivadas durante o processo têm como objetivo impulsionar cada vez mais o apoio à educação do município a fim de promover transformações sociais, econômicas e culturais através do ensino com a realização de novas unidades escolares, capacitação dos professores e profissionais da educação e principalmente, o acesso dos alunos à escola a partir dos dois (02) anos de idade.

1 FIOS METODOLÓGICOS: ENTREMEIOS DA PESQUISA

Busco como referenciais teóricos para pesquisa deste trabalho as contribuições de Fernández (1991), Sampaio (2011), Sampaio e Freitas (2011) e Porto (2009), por analisarem as dificuldades da aprendizagem sob o viés da importância da aprendizagem e do aluno enquanto sujeito que se apropria do saber e do conhecimento, apesar de que em alguns momentos da vida escolar poderão estar sujeitos a certas fragilidades e/ou problemas. Fernández (1991, p.51) diz que “quando nasce, o bebê é um feixe de possibilidades, de ferramentas que são capazes de atrair, de captar o conhecimento que tem que ser transmitido e reconstruído nele”. Desse modo, enfatiza que: “sabemos que o homem é um ser histórico, que cada geração acumula conhecimentos sobre o anterior, e o humano vai se tornar humano porque aprende”.

Sousa (2011, p. 30) esclarece que “precisamos compreender que, por trás do cérebro que aprende, existe alguém que tem um ritmo próprio e um estilo diferente de aprender e que, como tal, precisa ser respeitado em sua individualidade”. Com efeito, a autora alerta que é necessário utilizar estratégias que atendam aos diferentes estilos de aprendizagem. Ressalta ainda que “o papel do professor é oferecer aos alunos as ferramentas necessárias para desenvolver suas potencialidades de acordo com o seu estilo ou modalidade de aprendizagem” (p.31). Posto isso, concordo com a autora que todos os sujeitos aprendem, entretanto, é preciso conhecê-los, é preciso compreendê-los, é preciso ouvi-los.

No que tange ao professor em sua ação cotidiana no pensar e ressignificar sua prática para melhor atender aos alunos em suas possíveis dificuldades, me ancoro em Tardif (2012), Arroyo (2011), Nóvoa (1992), entre outros, pois entendo que o diálogo com estes autores me fará fundamentar e refletir sobre a prática do professor e sua relação com o sujeito-aluno. Arroyo (2011, p.53) afirma que “reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos”.

Sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos, os docentes almejam que algo imediatamente aconteça na esperança de que todos alcancem os objetivos esperados, entretanto, percebem que não existe uma lógica exclusiva, um padrão, o que implica em novas estratégias e outros modos de ensinar levando-os a confrontarem a si mesmos e às suas experiências como profissionais.

Porto (2009, p. 53) nos assegura que “a dificuldade de aprendizagem e os comportamentos divergentes podem levar o aluno ao fracasso, causando grandes angústias nos professores [...]”. Docentes que vivem estas experiências em suas ações cotidianas, em geral

realizam o seu planejamento pedagógico voltado para as especificidades de cada aluno, por mais que se trabalhe com um grupo representativo de alunos em uma unidade escolar, o professor compreende que o sujeito é único.

Nesta visão, concordo com Freire (1996) ao afirmar que na prática educativa precisa existir o respeito à autonomia e à dignidade de cada um. O sujeito é um ser único, protagonista da sua história, da sua realidade de vida em seu processo de aquisição do conhecimento guiado por sentimentos, aprendizagens e saberes previamente construídos.

Vale mencionar que a Psicopedagogia, ciência que permite conhecer melhor o sujeito em sua aprendizagem, tem se tornado âncora de conhecimento para muitos pesquisadores e especialistas que buscam investigar o assunto. Para Bossa (2011), a Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema da aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia – e evoluiu devido à existência de recursos, ainda embrionários, para atender a esse público, constituindo-se assim uma prática. Deste modo, a Psicopedagogia nos orienta a compreender o processo de aprendizagem e a identificação dos fatores facilitadores e comprometedores desse processo, com vistas a uma intervenção.

Considera-se, assim, que o processo de ensinagem é o conjunto de conhecimentos inerentes à docência na arte de ensinar e na compreensão sobre o discente como sujeito único em sua aprendizagem, tendo como pilares básicos do processo a formação docente, os saberes, a prática e a experiência da profissão. Além destes pilares, a história de vida também se configura fundante, uma vez que as vivências são inerentes às escolhas, mediadas pelos contextos social/político/cultural/econômico, o que as tornam singulares em suas práxis.

Cabe a nós professores analisarmos cotidianamente a nossa prática, afinal, o que ensino? Para quem ensino? Como ensino? Questionamentos que nos sugerem uma relação dialógica com outro. Os alunos quando chegam à escola desejosos em aprender, estão confiantes que aquele lugar é lugar de ensino, de conhecimento e aprendizagem. Eles necessitam de *olhar e escuta sensíveis* em seu processo de construção de conhecimento, no intuito de aprimorar as suas potencialidades.

Para mim, ensinar é criar e recriar um mundo de possibilidades em razão da trajetória de aprendizagem do estudante. Ensinar é levar os alunos a conhecerem a si mesmos e isso inclui a sua percepção sobre o modo como conseguem aprender, sejam estes estudantes com uma sensibilidade mais voltada para a escrita, para oralidade, para a prática do raciocínio lógico. Ou seja, levá-los a caminharem por caminhos cujas realidades os tornem seguros e autoconfiantes.

No percurso da trajetória de cada aprendiz é necessário que este se sinta confiante em si mesmo, mas também no docente, o que irá auxiliá-lo em sua aprendizagem; afinal, se existe algo que impossibilita a construção do conhecimento do sujeito, o professor com sua experiência deverá perceber o modo como o aluno aprende, e este deixará de lado as sombras negativas em relação a si e a tudo que o impede de bons resultados em sua vivência escolar. Conforme afirma Nóvoa (2022, pp.18-19) “...a educação é processo pessoal de apropriação do conhecimento através do qual nos tornamos mais preparados e capazes”.

Professores estão se especializando através de cursos de Formação Continuada visando não somente atender ao que está posto no artigo 61, parágrafo único, inciso II, da Lei 9394/96 (BRASIL, 1996), como também contribuir com a formação e a aprendizagem de seus alunos. Afinal, a capacitação do professor amplia o conhecimento permitindo a este compreender melhor o que faz e o que é necessário mudar para atender às especificidades dos educandos nas classes escolares de turmas regulares numa perspectiva inclusiva.

Sabemos que uma escola regular na perspectiva inclusiva requer um ambiente acolhedor, porém, apesar de todo empenho docente, entendemos que nos primeiros contatos nem sempre é possível compreender as necessidades dos aprendizes, todavia, precisamos cotidianamente estarmos atentos pois afinal, “todos os alunos são capazes, é claro que de forma diferente, e um olhar diferenciado poderá descobrir o que cada um tem de especial, ajudando-os no desenvolvimento de novas competências” (SAMPAIO, 2011). Talvez, alguns necessitem de atendimento no contraturno a fim de que se promova uma aprendizagem mais efetiva do ponto de vista do ensino, afinal, dificuldades específicas merecem acompanhamentos específicos.

Freire (1996, p. 17) atribui um olhar criterioso sobre o fazer pedagógico da prática quando afirma que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Entendemos que esta ação precisa ser contínua. O fazer docente se renova em nossos cotidianos. Cada dia é um novo dia e o profissional professor se reserva o direito de tornar cada aula possibilidade de novos conhecimentos e novas aprendizagens.

Assim, compreendemos que os professores buscam por planejamentos de aula e estratégias que melhor possam atender aos seus alunos; entretanto, em geral, trabalham em mais de uma unidade escolar e isso dificulta as suas expectativas sobre como gostariam de conduzir os seus planos e projetos. Enfim, o trabalho do professor não se resume somente na sala de aula, envolve estudos, pesquisas, preparação de atividades pedagógicas, participação em cursos, seminários e aprendizagens contínuas no exercício da profissão.

Pensar na profissão professor remete à decisão do sujeito-professor na escolha desta e não de qualquer outra. Profissão cuja base é construída na universidade, mas a formação acadêmica resulta das vivências cotidianas de conhecimento dentro e fora da sala de aula, o fazer docente repleto de habilidades que se revelam nas relações com os alunos na arte de ensinar. Sujeitos de conhecimento em constância permanente do saber e da prática docente.

Sabemos que alguns professores necessitam lidar no seu dia a dia com uma jornada de trabalho bastante extensa e isso talvez os conduza a participar de cursos feitos de forma aligeirada no intuito de atender a uma exigência de carga horária como parte obrigatória de sua formação continuada. Sobre esta discussão, Canário (2006, p.81) pontua o seguinte: “a eficácia de uma formação reduzida a cursos independentes é, com frequência, objeto de críticas, na medida em que, após a formação, só se verificam mudanças dos discursos, enquanto as práticas anteriores não são alteradas”.

Faz-se necessário pensar uma formação que atenda aos anseios e às necessidades dos professores que estão cotidianamente nas salas de aula, porém por mais que as instituições se empenhem em melhor atendê-los, no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem dos alunos que estão fora do padrão considerado “normal” nas ditas avaliações internas e externas, parece que há muito que se discutir e analisar no que tange ao ensino de qualidade.

A fim de que torne a preocupação do professor sobre a aprendizagem e o ato de ensinar menos sofrida, Arroyo (2011, p.64) revela que determinada “matéria somente se aprende em um clima humano, em interações humanas, quando nos revelamos como humanos, quando os educandos convivem com seus semelhantes e diversos”. É preciso que haja motivação, desejo e interesse. Os professores estão ensinando, os alunos estão estudando, porém é preciso que haja o diálogo, a proximidade, o afeto.

Arroyo, em seu trabalho sobre “a humana docência”, (2011, p. 55) revela que

a matriz pedagógica fundante que faz parte de nossa condição humana é querer, ter necessidade de aprender observando e imitando os outros. [...]. As artes de sobreviver, de dominar conhecimentos e técnicas, de aprender as leis que regulam a natureza, o meio ambiente, o entorno social, conhecer a cidade, os processos de produção, as relações sociais, relacionar-se com o mundo e com a sociedade são parte do conhecer humano [...].

Percebemos que já no início de cada ano letivo o *discurso* da angústia vaga pelos corredores das escolas, pois alguns professores já se mostram atentos ao tomarem conhecimento que receberão alunos que foram considerados em anos anteriores por outros colegas como *complicados, que demoram em aprender, dispersos*, entre outros rótulos; e com essas falas,

sofrem antes de qualquer iniciativa que eles mesmos possam ter, afinal, o docente poderá conduzir de modo diferente a sua prática diante de situações que não eram previstas.

Ao considerarmos o estudo sobre o tema levantado, acreditamos que esta investigação/reflexão irá ampliar o diálogo sobre outras possibilidades para se ensinar ao aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem, como também um olhar diferenciado sobre a metodologia de ensino aplicada, pois os docentes poderão repensar suas práticas e ações sobre o modo de ensinar, no intuito de compreender as especificidades dos sujeitos, posto que o objetivo maior seja torná-los protagonistas da própria história em relação ao seu processo de conhecimento e aprendizagem.

Assim, entendemos que a escola se torna permanentemente o *locus* da pesquisa como espaço dialético da reflexão, do conhecimento e do saber. O professor é um ser que age com ousadia, em suas vivências e experiências busca alcançar o sujeito que está perto, mas também o sujeito que está longe, afinal o discente levará consigo o ensinamento para toda vida. Como diria Freire (2006, p.22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

1.1 Metodologia: abordagem qualitativa e os fios sem retrós

A presente pesquisa está ancorada em uma metodologia de abordagem qualitativa pois “baseia-se em coleta sem medição numérica, prioriza descrições e observações” (MAIA, 2020), cujos sujeitos participantes são quatro (04) professoras do ensino fundamental I, cujas contribuições para investigação são norteadas pelas entrevistas narrativas na concepção de Souza (2008) conceito este em uma perspectiva colaborativa pois, ao narrar sobre si, o sujeito reflete sua trajetória abrindo possibilidades de teorizar sua própria experiência. À luz deste olhar, foram registradas as entrevistas narrativas das professoras colaboradoras na arte formativa da produção de fios da tessitura do trabalho docente sobre as possíveis dificuldades de ensinagem.

Saliento que a dissertação foi desenvolvida de modo a possibilitar a espontaneidade e dar segurança às professoras ao compartilhar suas práticas cotidianas no exercício da docência, a fim de que entrevistadas e investigadora dialoguem sobre o processo. Souza (2008) reafirma que na entrevista narrativa o ator parte da experiência de si, organiza ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva como suporte para

compreensão de sua itinerância vivida, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação.

As histórias de vida e as entrevistas narrativas marcam aprendizagens tanto na dimensão pessoal quanto profissional, e entrecruzam movimentos potencializadores da profissionalização docente, as quais se inscrevem na história de vida de cada sujeito, na sua dimensão de ator e autor de sua própria narrativa de formação (SOUZA, 2008, p. 99).

Nessa perspectiva, busco em Fontoura (2011) o conceito de Tematização como proposta de análise de dados da pesquisa. Na condição de aproximar o leitor sobre o viés deste conceito, entendo que Fontoura ao investigar o método Paulo Freire e o reconhecimento de uma proposta de ensino para alfabetização de jovens e adultos, identificou como proposta do autor a tematização como estratégia na potencialização do conhecimento no âmbito de três etapas: a investigação, a tematização e a problematização. Imbricada na compreensão deste processo, a autora propõe a investigação da pesquisa acadêmica tendo como referência a Tematização.

Fontoura (2011) considera que as entrevistas devem ser tratadas de forma reflexiva, para isso entende a importância na organização das informações coletadas por meio de sete (07) passos, não os tornando rígidos, mas construindo ao longo da análise da pesquisa a viabilidade do processo. No primeiro (1º) passo, a autora discute sobre a coleta de material (entrevistas gravadas, filmagens, por exemplo) ou escrita (perguntas em questionários, depoimentos escritos etc.) de forma que não se esqueça de administrar o tempo para as transcrições e a atenção necessária ao material de trabalho. No segundo (2º) passo, a feitura de uma leitura atenta do material coletado. No terceiro (3º) passo realizar uma reflexão sobre as possíveis novas informações que possam surgir. Em relação ao quarto (4º) passo, para cada agrupamento de dados, é preciso levantar temas relevantes à pesquisa. O quinto (5º) passo está relacionado à definição das unidades de contexto (trechos mais longos) e unidades de significados (palavra ou expressões). Já no sexto (6º) passo, a autora sugere a elaboração de um esquema que possa esclarecer para o leitor o tratamento dos dados e por fim, o sétimo (7º) passo, que torna a pesquisa à luz das possíveis descobertas e conclusões, com as análises realizadas com base nos pressupostos teóricos que possibilitaram o diálogo permanente da investigação.

Gatti (2006) revela, em seu texto “Pesquisar em Educação: considerações sobre alguns pontos”, que é preciso ampliar a visão sobre a relevância do estudo acadêmico e o propósito para o qual se destina, analisando os critérios ao uso dos métodos, o rigor metodológico e a construção do conhecimento como ciência. Busco, com este pensamento da autora, analisar as narrativas das professoras das séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública

municipal em Macaé que compartilharam as dificuldades enfrentadas no processo de ensinagem com alunos que apresentaram dificuldades de aprendizagem como também refletir sobre sua práxis no intuito de ampliar o diálogo permanente do conhecimento dentro e fora e da sala de aula, afinal a escolarização precisa ser sinônimo de vida, liberdade, oportunidade e cidadania.

Nóvoa (2015), em sua “Carta a um jovem investigador em Educação”, confia alguns conselhos que ele entende como importantes para os jovens investigadores em Educação e por concordar com a escrita do autor compartilho o primeiro (1º) conselho que diz: “Conhece-te a ti mesmo”. Acredito que nós professores experientes ou não na profissão, todos os dias fazemos este exercício de nos conhecermos a cada nova experiência que a docência nos traz, assim, cabe a mim como professora investigadora me sentir afetada pelo que me move. Vislumbrando este pensar do autor sobre o saber da docência e da formação de professores, entendo como contribuição da pesquisa no campo da educação o surgimento de outras possibilidades de práticas pedagógicas no intuito de produzir novos sentidos para os sujeitos-alunos com dificuldades de aprendizagem como também a ampliação nas estratégias didáticas no repertório de professoras e professores da educação básica em seus fazeres cotidianos.

Nesta caminhada de pesquisa e investigação com os sujeitos, inicio os meus primeiros passos em relação ao conceito de Tematização no ofício das gravações das entrevistas narrativas realizadas com as professoras. As transcrições foram me permitindo ouvir as suas narrativas no intuito de conhecê-las como pessoas e profissionais docentes e, principalmente, a tessitura dos seus trabalhos realizados, o que requer uma escuta atenta para refletir e analisar sobre a relação destas professoras, pois no espaço da sala de aula se veem diante de situações conflitantes no desenvolvimento dos conteúdos didáticos, como também de outros instrumentos de ensino.

Parto de um olhar de que o professor jamais poderá deixar de acreditar na possibilidade do aluno de se descobrir e se redescobrir, mudar, enxergar o mundo, enxergar a vida, pois através da necessidade de aprendizagem sobre o que se almeja alcançar, o aluno poderá se reinventar e encontrar novos caminhos, novas possibilidades, para o recomeço, como nós adultos fazemos e precisamos fazer. Nesta oportunidade o aluno encontrará o seu modo de aprender e apreender saberes construídos e constituídos sob a curiosidade da própria inteligência.

Ao decidir trabalhar com o tema em questão, procurei conversar com a direção geral da escola *locus* da pesquisa sobre a oportunidade da participação das professoras regentes, pois tais informações seriam base de análise e investigação sobre as possíveis dificuldades de ensinagem. A direção autorizou a participação colaborativa e espontânea das professoras, como também informou que apoiaria o trabalho.

Após este contato com a direção, e orientada por ela, expus no grupo pedagógico da escola, composto por um número de dez (10) professoras regentes, a proposta do projeto, explicando de forma resumida, mas que todas soubessem o objetivo da investigação cujo foco principal são as possíveis dificuldades de ensinagem das professoras, e quais delas estariam dispostas em contribuir com a pesquisa, narrando as suas práticas e modos de ensinar ao longo de suas trajetórias.

Das dez (10) professoras regentes, quatro (04) se dispuseram aceitar. Quatro (04) confirmações para as entrevistas, todas professoras concursadas pelo município de Macaé, atuantes como regentes na prática de ensino nesta escola nas séries iniciais do ensino fundamental I. Vale ressaltar que todas me agradeceram em poder fazer parte da pesquisa, inclusive uma das professoras comentou que apesar das dificuldades vivenciadas no contexto pandêmico, a participação na pesquisa seria a oportunidade de uma reflexão sobre a sua prática docente, e principalmente sobre a vida.

Os processos da pesquisa se iniciam com a inquietação da pesquisadora ao ouvir as narrativas das professoras sobre as possíveis dificuldades de ensinagem nos horários de atividades, na sala de professor, nos *coffee-breaks*, enfim, nas oportunidades que a vida nos oferece para conseguirmos compreender melhor a nossa prática docente, e nessa trajetória a parceria da escola foi fundamental, com apoio da direção e de toda equipe.

Na reunião pedagógica da escola em setembro de 2021 foi apresentada a proposta do projeto acadêmico e como a contribuição de cada uma delas tornaria de extrema importância para o trabalho. As participantes da pesquisa aceitaram o desafio, pois se identificaram com os objetivos levantados, na compreensão que o compartilhar docente permite-nos reflexões capazes de transformar não somente a vida escolar dos alunos, mediada pelo conhecimento, mas também as suas próprias vidas.

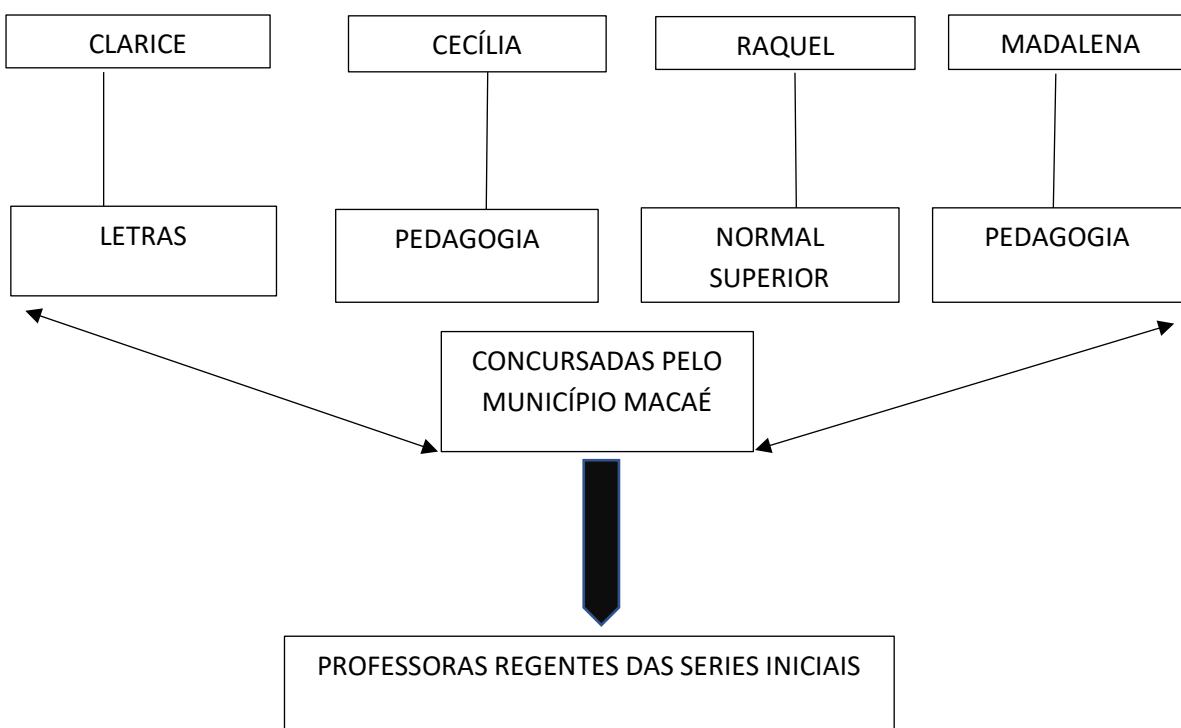
Nessa trajetória de pensamentos sobre a pesquisa, realizada com professoras regentes, fizemos um combinado de dias e horários que se adequassem às suas rotinas de vida e de trabalho, de modo que as entrevistas narrativas pudessem acontecer em uma relação de respeito e entendimento da importância da investigação.

O roteiro de entrevista como instrumento da pesquisa possibilitou ancorar o viés da linha de pensamento no intuito de capturar o que as professoras tinham a nos contar; desse modo, as entrevistas foram gravadas em um aparelho de celular no ambiente do espaço da escola com a permissão e apoio da diretora, como também da equipe técnica da escola, todos dispostos a contribuir com o desenvolvimento do trabalho.

1.2 Os sujeitos da pesquisa: quatro (04) professoras do ensino fundamental I de uma escola pública do município de Macaé

Clarice, Cecília, Raquel e Madalena. Os três (03) primeiros nomes, na verdade, fictícios, foram pensados pelas professoras no intuito de homenagear as escritoras da literatura brasileira, mulheres que fizeram histórias através da palavra e da escrita que sempre serão lembradas como referências de protagonismo e empoderamento feminino, entretanto, a professora Madalena preferiu manter o seu nome de registro de nascimento, entende que é importante que todos saibam que ela faz parte deste alinhavar docente compartilhando as experiências vivenciadas na/para escola.

Figura 1 – Sujeitos da pesquisa



Fonte: A autora, 2022.

Clarice é formada em Letras Português/Inglês, sua atuação na escola investigada compreende desde o ano de 2013. Leciona uma turma do terceiro (3º) ano, no turno da tarde. Moradora do município vizinho, Rio das Ostras, viaja todos os dias da semana para fazer o que mais gosta, ensinar.

Cecília é formada em Pedagogia. Tem experiência na educação infantil e ensino fundamental I. É concursada em duas matrículas no município. Está lotada há cerca de cinco (05) anos na unidade. No turno da manhã, trabalha como professora integradora, atendendo as turmas cujas professoras em um determinado dia da semana estão realizando o seu planejamento remunerado em casa, e no período da tarde atua com a turma do primeiro (1º) ano.

Raquel é formada em Normal Superior e pós-graduada em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Antes da realização do concurso para o magistério, havia sido concursada pelo município para trabalhar em outra instituição. Atua como regente do quarto (4º) ano. Está lotada na unidade desde 2014.

Madalena é formada em Pedagogia. Já atuou na pré-escola e na educação infantil. Considerada por todos os colegas da escola uma excelente professora-alfabetizadora. Atua nesta unidade há nove (09) anos, leciona turma do terceiro (3º) ano.

Na leitura atenta em relação às entrevistas realizadas com as professoras, é possível perceber uma experiência consolidada na educação, escolhas feitas conscientes dos desafios, uma profissão singular apesar de, sob o ponto de vista de alguns, não ser reconhecida e valorizada como deveria. As investigadas compartilharam que foram influenciadas por professoras quando ainda crianças ou simplesmente por decisão própria desde o início da juventude, afirmaram que não mudariam de profissão, reiterando o compromisso de ensinar com uma visão que a educação deve alcançar todos os cidadãos.

A professora Clarice afirma:

³desde criança eu me identificava com a profissão. Além da questão da infância, de brincar, como professora, sendo professora, eu também tomei essa decisão desde o fundamental I, creio que na minha 2ª série... 2ª série eu já sabia o que eu queria, tanto por ter carinho pelas minhas professoras, como também de ver a atuação de quem estava prestes a começar, quem era as normalistas, em que atuavam e o que faziam; os estágios nas salas, nas escolas das quais eu frequentei. Então eu sempre me interessei, sempre conversava muito com as normalistas e me encantava assim com o carinho que elas tinham com os alunos, e ao longo da minha caminhada como estudante, eu tenho alguns exemplos assim de professores maravilhosos, que eu lembro até hoje, e isso desde o pré-escolar, do C.A, a classe alfabetizadora até... acho que até a Faculdade mesmo. (Clarice)

Delory (2006, p. 363), ao discursar sobre “os ateliês biográficos”, nos mostra que a história de vida dos sujeitos tem lugar nas narrativas, “é a narrativa que faz de nós o próprio

³ A transcrição das entrevistas traz a fala das professoras colaboradoras em tamanho 12, com recuo, por acreditarmos que fazem parte integrante do texto da dissertação.

personagem de nossa vida, ela é enfim que dá uma *história* à nossa vida”. Idealizar ser professora desde criança significa que não somente o conhecimento e a aprendizagem faziam sentido, como também as marcas deixadas em sua vida, a afetividade, a esperança, a mudança, vislumbrava por um mundo mais justo através da educação.

Clarice reconhece que ser professora é algo prazeroso, e parece mágico, pois os alunos se sentem encantados, surpresos com as coisas novas que vão aprendendo, e isso a faz feliz. Ao fazer esta declaração, o seu rosto se torna formoso, cheio de brilho no olhar. Parece voltar à sua infância e se lembrar de cada experiência experimentada na escola.

Para Freire (2006b), a educação move os pensamentos, as atitudes, as concepções que temos sobre o mundo, visto que, é necessário torná-la parte de todos de forma democrática e humana. Diz o autor que somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender.

Em entrevista com a professora Cecília pude descobrir que ser professora já fazia parte de sua brincadeira de menina, ela confidencia “era a minha brincadeira predileta”. Ainda na tenra idade ter a brincadeira de ser professora como “a predileta” creio que a projetava idealizar um futuro mais justo para todos através da educação.

Souza (2008, p. 91) nos diz que “a construção da narração instala-se na relação entre a identidade e subjetividade, ao partir da consciência de si, das representações que o sujeito constrói ao longo da vida”.

Ela acrescenta que uma das suas tias se formou professora e aos treze (13) anos, por vontade própria, decidiu ir juntamente com a tia todos os dias para a escola no intuito de apoiá-la no cuidado com as crianças pequenas. Sentiu-se encantada com o espaço e com o convívio com as crianças, o que a levou a ter certeza de que futuramente seria professora. Uma escolha tão prematura, talvez para alguns, uma brincadeira de criança, mas na verdade Cecília já havia decidido a sua profissão. Creio que o convívio com a tia tenha proporcionado essa identificação, porém caberia a ela o rumo da sua caminhada.

A professora Raquel, antes da arte deste ofício, passou por algumas experiências fora da educação, mas nunca desistiu de seu sonho, insistiu mesmo estando nos caminhos que pareciam distante da profissão. Hoje afirma que lecionar mexe com ela, a faz se sentir honrada, se emociona ao compartilhar a sua trajetória. Afinal, havia feito o Curso de Formação de Professores (ensino médio), Normal Superior e pós-graduação em Psicopedagogia e Neuropedagogia. Sonhara por algum tempo em conquistar uma vaga em uma escola pública.

Para Abrahão (2016, p.1), “sem intenção, não há formação”; em se tratando da professora Raquel existia um desejo, um sonho, que se torna realidade. Ela confia com alegria:

Ah... a melhor coisa do mundo, a melhor coisa do mundo. Você pegar uma criança é como se fosse uma arte, como uma costureira pega um tecido e transforma numa roupa tão linda, assim é o professor, na arte de ensinar. Você pega e você aprende com a criança e você ensina a criança e é um eterno aprendizado entre você e a criança. A criança te ensina e você passa ensinamento à criança, é maravilhoso, amo ser professora. (Raquel)

A professora Madalena narrou que quando era bem jovem, fez o Curso de Formação de Professores, no antigo segundo grau, hoje ensino médio, porém, o curso superior, Pedagogia, foi por falta de opção, afinal, no local onde morava, Barra de São João, que naquela época era distrito do município de Casimiro de Abreu, não havia o curso de seu interesse, medicina veterinária. Ela argumenta que sempre gostou muito de bichos, mas em razão das circunstâncias decidiu pela educação, e hoje não escolheria outra profissão. Madalena enfatiza que ser professora a faz feliz, pois trabalha por prazer e com a visão de que todas as crianças conseguem aprender, ter novas oportunidades em suas vidas.

Na vida de Madalena, o *fião* da profissão idealizada, não fora tecido como havia sido imaginado, situações adversas a fizeram contornar o caminho e voltar à rota inicial; penso que poderia ter sido uma excelente profissional da medicina veterinária, entretanto, teve visão de que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2006b). Um mundo que não é único e exclusivamente nosso, um mundo que envolve docência, saberes, conhecimentos, aprendizagens, como diria Freire (2006a, p. 50) “o do inacabamento do ser humano”, e uma relação com os sujeitos alunos como protagonistas de suas próprias histórias.

Nesse devir, ela declara:

ser professor, eu acho um pouco difícil, mas ao mesmo tempo eu vou dizer pra você que é apaixonante, é gratificante. Eu sou professora, hoje, eu sou professora porque eu amo essa profissão. Eu não me vejo fora de sala de aula. Eu gosto tanto, mas tanto, tanto de dar aula, que é um prazer tão grande ser professora e assim poder contribuir para o aprendizado de uma criança... Você modifica a vida de uma criança, você contribui para a vida de uma criança. Isso é muito gratificante. (Madalena)

Acredito que estas professoras ao se decidirem pela profissão consideraram acima de tudo o compromisso por ensinar, e entender que docente desejaria ser, a fim de mediar caminhos de tantos conhecimentos, descobertas e aprendizagens para os seus alunos. Alunos que podem

tecer as suas próprias histórias e o que talvez pareça impossível, se tornar possível por meio da educação.

Para Morin (2011, p.43) “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”. O autor acrescenta “conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele”. Ensinar faz do ensinante um eterno curioso, curiosidade sadia, pesquisas, leituras, reflexões, questionar sobre a sua própria práxis e quem sabe até mesmo a sua existência como alguém que lida cotidianamente com vidas, com saberes e novas descobertas de si e dos outros. Quando o professor ouve algo que parece inusitado de seus alunos, em geral se surpreende consigo mesmo e com o seu trabalho, mas na verdade é resultado do ensinar e do acreditar que apesar das dificuldades de aprendizagem que possam existir na vida de cada um, eles são capazes de aprender e nos fazer refletir sobre a nossa práxis.

1.3 Profissão professor - Os desafios de laço e entrelaço

O início da docência é um processo de conhecimento de si como pessoa e como profissional, pensamentos que afloram como trilhar o caminho dos ensinamentos partilhados na universidade, nos seminários, nos encontros, nos estágios e na relação do dia a dia com os sujeitos dentro e fora do espaço acadêmico. Afinal, quando os professores são convocados para um concurso público de magistério entende-se que deverão estar prontos para lecionar. Ou seja, “assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador...” (FREIRE, 2006b p.41). E por querer, e pela escolha da arte de ensinar, os professores são eternos aprendentes, o novo em suas vidas acontecem em um piscar de olhos.

A professora Clarice ao compartilhar suas recordações nos convoca a vivenciá-las como se estivéssemos na história de seu passado, e nos diz:

A minha primeira professora se chamava Valdinéia, ela inclusive não só foi a minha primeira professora, como ela também me ajudou, me instruiu a como me inserir nessa profissão. Eu lembro de muitas vezes eu ir até a casa dela pra pedir conselhos, pedir ajudas, pedir material, dicas de como fazer determinadas coisas assim, então, e a casa dela era longe, então era assim, ela foi uma pessoa muito importante porque ela tinha todo um zelo, cuidado, carinho, atenção que ela tinha comigo como professora na educação infantil, ela também teve no momento em que eu já formada a procurei pra poder pedir conselho, pedir ajuda e ela já com seus cabelos brancos, mas ainda atuando porque era uma escolinha, uma escolinha particular, aquela escolinha de fundo de quintal, que era uma casa mesmo e ela ainda atuando ali naquela escola e ela foi me dando conselhos, foi me dando, me norteando, me dando caminhos pra como lecionar, porque, é, uma coisa é a gente tá lá na sala de aula e eles falam que é assim,

assim, assim, muitas teorias, muito estudo de como atuar, mas a atuação pra mim foi muito diferente, foi uma coisa muito..., um pouco assustadora até, então ela me ajudou bastante nesse início. (Clarice)

Clarice traz à memória recordação do passado sobre as marcas que a professora Valdinéia exerceu em sua vida, experiências positivas, pois corroborou a encontrar os caminhos a serem trilhados em sua aprendizagem e conhecimento nos laços e entrelaços da profissão que aos poucos foram se consolidando pois afinal, “é na escola que o professor coloca em prática suas convicções, seu conhecimento da realidade, suas competências pessoais e profissionais”. (Libâneo, 2015).

A professora Cecília considera o magistério uma profissão bonita, que amplia horizontes, deixa claro em suas narrativas que fez a escolha certa, desejada, porém, ao ser solicitada a comentar sobre os desafios da profissão, argumenta que a incomoda a inconstância dos pais na vida dos filhos para acompanhar os estudos deles, o que dificulta no avanço da aprendizagem, afinal, ensina aos alunos do primeiro (1º) ano do ensino fundamental, alfabetiza, que segundo ela, é preciso acompanhá-los mais de perto. Na visão da professora é necessário que exista uma boa comunicação, e os pais precisam ser mais presentes e a escola precisa fazer o seu papel; desempenhar de forma honesta, clara e concisa o ensino aos estudantes. Ela diz: *“os alunos ficam quatro horas na escola e vinte horas com as suas famílias, então é importante que a família esteja bem atenta à vida escolar da criança”*.

É pertinente que a crítica em todas as profissões tenha o seu lugar, aos ouvidos de quem a ouve e a interpreta, já que podem ser críticas positivas ou negativas, porém, em relação à atenção mencionada pela professora sobre a condição dos pais, vale refletir que não convivemos com os mesmos, não poderemos afirmar aquilo que aparentemente salta aos nossos olhos, não podemos julgá-los. Sabemos que muitos pais e responsáveis estão sempre presentes nas reuniões, nas festas das escolas, enfim, mas isso não configura que os outros não queiram que seus filhos aprendam, talvez outras circunstâncias da vida os impeçam de serem mais presentes como gostariam de ser.

Em se tratando do professor no que tange ao saber e formação, Tardif (2012, p. 228) afirma que “em seu trabalho cotidiano com os alunos, são eles os principais atores e mediadores de cultura e dos saberes escolares. Em suma, é sobre os ombros deles que repousa, no fim das contas, a missão educativa da escola”. Dito isto, considero a importância e a relevância da docência e, entendendo as responsabilidades dos pais, porém não podemos delegar a eles a aprendizagem dos estudantes. “É no exercício do trabalho que, de fato, o professor produz a

sua profissionalidade” (LIBÂNEO, 2015). Sendo assim, o papel do professor é acompanhar de perto as construções e os avanços dos seus alunos.

A professora Raquel declara que um dos maiores desafios como professora é ver uma criança aprender, acompanhar o desenvolvimento e o progresso ao longo do ano. E declara: “eu tenho alunos que tiveram avanços maravilhosos e tenho aqueles que precisam muito mais, muito mais [...]”. Entendemos que os sujeitos são singulares e as suas especificidades distintas então, cabe ao professor compreender a realidade de cada educando. Como diria Fernández (2011, p. 47) “para aprender, necessitam-se dois personagens (*ensinante e aprendente*) e um vínculo que se estabelece entre ambos”.

É possível perceber que em geral as salas de aula, principalmente, das escolas públicas, recebem um quantitativo bastante expressivo de alunos, o que torna menos produtivo as atividades realizadas com os estudantes com as possíveis dificuldades de aprendizagem, ou seja, demanda tempo conseguir entender quais são as reais necessidades do *aprendente*, entretanto, o professor (*ensinante*) precisa estabelecer um vínculo de afetividade a fim de alcançá-lo, buscar compreender o sujeito como ser único, ou seja, na sua individualidade, trazê-lo cada vez mais para perto de si.

Quando isso se torna possível, em alguns casos, os professores descobrem que as dificuldades apresentadas estão atribuídas a algumas condições que podem ser administradas de modo prático, como por exemplo, o uso de óculos, não escreve/lê porque não enxerga bem, ou talvez, situações vivenciadas no cotidiano de suas casas que impediram a concentração nos estudos fato que deverá ser comunicado a orientação educacional ou a direção da escola. Essa estratégia fará com que os alunos se sintam mais seguros e confiantes em relação àquele que ensina, pois os ouvem, valoriza-os de modo que se sintam encorajados a encontrar novos caminhos para suas aprendizagens.

Nessa intencionalidade, Raquel declara que é preciso ter paciência, pois, em alguns casos, os alunos levarão mais tempo do que parece necessário aos nossos olhos, mas que o resultado do trabalho chega. Saber que o aluno lê e escreve com autonomia a faz sentir confiante, feliz. Faz-se necessário “colocar a escola como local de aprendizagem da profissão de professor...” (LIBÂNEO, 2015, p. 35). A escolha da profissão significa o compromisso com o ensino, o respeito a singularidade dos sujeitos e, principalmente, a valorização da profissão.

A professora Raquel diz às vezes, se sentir incomodada com alguns pais que são convidados a comparecerem à escola para uma conversa em particular sobre a aprendizagem dos estudantes, entretanto, não comparecem, mas argumenta que ela continua na busca por novos caminhos a fim de que os estudantes se desenvolvam e avancem em suas aprendizagens.

Reconhece que está na profissão desejada, almejada, que não trocaria por nenhum outro ofício. Gosta do que faz.

A professora Madalena entende que os desafios enfrentados em relação ao fazer docente estão atribuídos principalmente à falta de um olhar atento para a educação, o que segundo ela respinga na escola e na sua prática de sala de aula. Ressalta que as políticas públicas voltadas para a educação precisam acontecer de forma mais articulada, afinal, argumenta, é preciso olhar para educação.

Ela nos conta que é muito difícil lecionar em um espaço físico inadequado em relação ao quantitativo de alunos que as escolas recebem, como também, a falta de materiais pedagógicos condizentes com a realidade dos alunos, em se tratando dos ditos com dificuldades de aprendizagem. Relata que não mede esforços para oferecer o melhor ensino, inclusive, quando entende que é necessário, tira dinheiro do seu próprio bolso no intuito de levar outros recursos para sala de aula a fim de potencializar o seu trabalho. Entende que as crianças menos favorecidas economicamente, convivem com situações de desvantagens sociais e culturais o que torna a vida destes estudantes mais fragilizadas em suas aprendizagens.

O pensamento sobre a educação se insere em uma macro ideia da organização do ensino, principalmente no que tange à escola pública; os fatos narrados pela professora Madalena nos impulsionam a compreender a necessidade de políticas mais democráticas que possam atender a um universo maior de escolas. Entretanto, na sala de aula, apesar de recursos escassos, o professor no exercício de sua função está suscetível à imprevisibilidade do sistema. Sendo assim, devemos nos conscientizar de que “a docência não estará reduzida a uma atividade meramente técnica, mas também intelectual, baseada na compreensão da prática e na transformação dessa prática” (LIBÂNEO, 2015, p. 36).

Entendemos que ao longo da história têm sido vários os desafios enfrentados pelo professor, nunca foi fácil e creio que hoje respiramos um pouquinho mais aliviados, graças àqueles que tiveram a coragem de encarar as dificuldades como também lutar para que as futuras gerações pudessem usufruir de uma educação pública de qualidade.

Esteves (2014. p. 19 e 20) afirma que:

a profissão docente foi se construindo nos séculos XIX e XX numa relação dialéctica com o desenvolvimento dos sistemas educativos, geralmente imbuídos de ideais democrático (a educação como um bem público, a educação para todos). Essa construção presumiu e presume entre outras, a assunção de que a docência é uma actividade especializada que carece de uma forma própria para ser desempenhada com êxito.

Por esta visão, percebo que são muitos os desafios a serem enfrentados no dia a dia. Desafios que nos potencializam cada vez mais para o exercício da profissão, o fazer docente. Como argumenta Tardif (2012. p.230), um professor de profissão “é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá [...]”. A profissão-professor faz história, revoluciona a história, e sempre fará história na vida de crianças, jovens e adultos no universo do ensino no intuito de fortalecê-los como sujeitos criativos, intuitivos e reflexivos.

Enfim, a profissão-professor compreende avanços cotidianos no conhecimento, nas aprendizagens, no encontro com o outro, e na experiência como elo de ressignificação de novos saberes, corporificando a profissão na perspectiva do saber-fazer-conhecer-reconhecer-intensificar modos outros curriculares salvaguardando os sujeitos inseridos neste processo: os alunos.

2 CONTEXTO DA DOCÊNCIA

2.1 Dificuldades de ensinagem: narrativas de professoras

Em minha atuação como professora regente no ensino fundamental I, me encorajo a dizer que a profissão-professor pode ser compreendida como um trabalho que não se embasa somente nas teorias discursadas nas salas das universidades, nos estágios, nas monitorias e outros acessos de pertencimento, mas também em um estudo permanente da formação acadêmica e das ações empreendidas dentro do espaço escolar previamente planejadas, porém construídas cotidianamente na arte de ensinar.

Parafraseando Arroyo (2011), afirmo que não nascemos professores, nos fazemos. *Aprendemos a ser*. Nessa linha de pensamento, entendo que a preocupação dos professores, no que tange às dificuldades de ensinagem, tem inviabilizado alguns profissionais a acreditarem em suas próprias experiências de ensino, em seus saberes e fazeres docentes. Como ressalta Arroyo, na nossa caminhada da aprendizagem *há sucesso e fracasso* afinal, *todos passamos por longos processos de aprendizagem humana*. Nessa perspectiva, nos constituímos desempenhando o nosso papel, nosso ofício na arte de ensinar e aprender.

As professoras colaboradoras da investigação compartilham os seus conflitos e os desafios enfrentados ao ensinar alunos e alunas das series iniciais em uma das escolas pública do município de Macaé, pois recebem estudantes cujos perfis de aprendizagem serie/idade nem sempre condizem com as práticas de vivências das ciências humanas e matemática, das linguagens, como também de outros contextos disciplinares no que tange ao conhecimento institucionalizado e, essa situação traz uma provocação positiva as professoras sobre o pensar-repensar a prática docente cotidianamente.

Quando lembram do passado, trazem à memória que se inspiraram em mestres ou pessoas da família que lecionavam, viam na arte de ensinar algo quase mágico, atualmente, formadas, regentes de classes, estas profissionais, se veem diante de uma realidade bastante desafiante, contagiante e humana. Compreender a si próprio e compreender o outro. Ensinar e aprender. Aprender e ensinar. Valorizar saberes. Contexto de experiências docentes narradas sobre as dificuldades de ensinagem no exercício da profissão, todavia, sentem-se privilegiadas por atuarem na educação.

Em síntese, a arte da docência é um atributo específico da profissão que contribui para a formação de uma sociedade de homens e mulheres que lutam diariamente por uma vida mais justa, mais humana. O professor é participante ativo de uma comunidade de aprendizagem (LIBÂNEO, 2015). Sabem que muitos serão os desafios a serem enfrentados, entretanto, buscam novas possibilidades no intuito de que o ensino alcance a todos sem restrições. Entendo que o professor sempre acredita na potencialidade dos sujeitos. Afinal, são sujeitos de conhecimentos, saberes e experiências que trazem consigo suas vivências e histórias de vida.

Clarice nos conta que no início do ano letivo foi feita uma avaliação diagnóstica sobre a aprendizagem dos estudantes cujos resultados pontuavam indícios da existência de alunos defasados e/ou com dificuldades em alguns conteúdos. Segundo a professora, existe uma demora em conseguir atender bem a esses alunos pois, mesmo com a existência de pareceres pedagógicos, algumas famílias tratam o assunto com morosidade, de acordo com a concepção da professora; ainda segundo ela, não compreender ou não acreditar sobre as dificuldades de aprendizagem de seus filhos impede que seja realizado um trabalho tal como gostaria que fosse feito e diz: *a gente não tem condições de laudar ninguém, e caso precise, então, a gente busca encaminhar essa criança pra uma avaliação especializada.*

Outrossim, gostaria de esclarecer aos leitores que as professoras observam os estudantes, avaliam suas aprendizagens, entretanto, somente os profissionais da área da saúde podem laudar, especialmente os médicos, caso seja necessário, sabemos que não é atributo da professora. A formação e a experiência docentes possibilitam a produção de relatório ou até mesmo um parecer pedagógico diante das dificuldades ou avanços observados.

Clarice declara:

É um aluno que de repente precisa de uma atenção maior, porque é especial, é um aluno que não é especial, mas a vida dele, o que ele passa dentro de casa é tão pesado que ele chega com aquela carga na escola e aí ele não sabe lidar com aquilo e aí ele desconta em todo mundo e a gente não pode depositar aquilo naquela criança, julgar aquela criança por conta daquilo, então é muita coisa que tá envolvida e que a gente se sente desamparada... sozinha, por mais que a gente saiba que tem os companheiros de caminhada, de chão de escola, mas é difícil. (Clarice)

É possível perceber na fala da professora Clarice uma junção de questões cognitivas, sociais e emocionais que envolvem as crianças; entretanto, o trabalho visa discorrer sobre as dificuldades de ensinagem para com os ditos com dificuldades de aprendizagem, não pretendo avançar em outros conceitos, apesar de entender que tais realidades existem, mas não nos debruçaremos em tais demandas ora narradas.

O pensamento da professora, nos faz compartilhar o entendimento de Bleger (1985, pp. 56 e 57) sobre ensino e aprendizagem, quando traz que:

ensino e aprendizagem constituem passos dialéticos inseparáveis, integrantes de um processo único em permanente movimento, porém não só pelo fato de que quando existe alguém que aprende tem que haver outro que ensina, como também em virtude do princípio segundo o qual não se pode ensinar corretamente enquanto não se aprende e durante a própria tarefa de ensinar.

Arroyo (2011, p.55) menciona em seu estudo sobre *ensinar e aprender a sermos humanos* que “o ofício de ensinar-aprender se fundamenta sobretudo na consciência de que novas gerações e todos nós temos do que não sabemos, da vontade de saber mais, do que chamamos curiosidade”. Ainda segundo o autor, “uma das preocupações de muitos docentes é que não se percebem necessários aos discentes, porque estes não se mostram discentes, ou com vontade alguma de aprender na escola”.

A professora Clarice segue em sua narrativa, dizendo:

Os alunos têm muitas dificuldades em questões de ouvir, do falar, na maioria das vezes essas crianças não têm uma vivência de conversa, não têm um contato, não têm alguém que sente do lado dela e converse, pergunte como foi o dia, muitas crianças têm dificuldades de discorrer a respeito do que aconteceu no dia dela, como foi a escola, perguntas simples, ou então se ela está fazendo alguma coisa. Valorizar aquele ato do que ela está fazendo, perguntar, questionar, ou então simplesmente fazer com que a criança observe o entorno, o que está à volta dela, sempre falo com os pais que estimulem a leitura... é fazer a criança ler o mundo dela, ler o que está à volta dela, e atue nesse desenvolvimento e não colocar simplesmente ela na escola, achando que ali, fazendo as atividades, fazendo prova sendo testado, sendo provado o tempo todo, avaliado o tempo, aquilo é o que basta, aquilo ali é o que vale. Não..., o real valor desse aprendizado é a leitura de mundo que ela vai fazer. (Clarice)

Neste contexto apresentado percebo que Clarice traz diferentes ordens de dificuldades: procedimental, linguagem oral e conceitual, clarifica a sua dificuldade de ensinagem com os alunos do terceiro (3º) ano do ensino fundamental, entretanto, destaca a importância do ensinar e de como a educação poderá fazer diferença na vida dos alunos. Afirmar que o aprendiz não saiba ouvir e falar poderá ser prematuro demais, se não conhecermos quem é o sujeito. Talvez ele tenha sido educado pelos pais a falar somente quando for solicitado e isso poderá causar conclusões precipitadas a respeito daquele com quem nos relacionamos, nesse caso o aluno.

“A criança pequena tem extrema dificuldade em se colocar no ponto de visto do outro, fato que a impede de estabelecer relações de reciprocidade”. (LA TAILLE *et al.* 1992, p. 15). A leitura crítica do mundo envolve um ambiente aberto às discussões além das leituras cotidianas. Freire (2006a, p.30) afirma que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”.

É necessário que compreendamos que os sujeitos pertencem a famílias diferentes, modos de pensar diferente e isso registra características específicas, seu convívio, suas práticas, suas vidas. Como possuir uma leitura crítica do mundo se o aluno não tiver acesso às informações sobre cultura, economia, política, enfim, sobre a realidade que o cerca?

Tardif (2012, p.49), ao discutir sobre saberes experienciais dos docentes, esclarece que:

no exercício cotidiano de sua função, os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis.

Silva e Delgado (2018) afirmam que o professor é a peça-chave no processo de aprendizagem dos alunos, porém deve estar ciente de que o conhecimento adquirido acontece de diversas formas e em diversos lugares. Então, esclarecem os autores, a prática do professor deve levar o aluno a refletir e alcançar uma nova visão de mundo, para que mude a sua condição de vida.

A professora Cecília, ao compartilhar as dificuldades enfrentadas no cotidiano, diz perceber alguns casos pelos quais a aprendizagem parece não avançar, de modo que se a sua desconfiança persiste, encaminha esses alunos para uma investigação que é feita em um primeiro momento com a professora da Sala Multifuncional. E segundo ela, a maioria das situações se confirmam, algo que a faz sentir fragilizada em seu trabalho. Pontua que em sua classe o número de alunos com dificuldades é bem maior do que o esperado.

Tenho sim alguns alunos que estão apresentando bastante dificuldades de aprendizagem, bastante dificuldade de acompanhar e eu também tenho um aluno autista⁴, mas esse aluno já veio pra turma laudado, tudo certinho, então assim, essa criança a gente já sabe, a gente já o atende da forma como deve ser, aprendendo, pesquisando todos os dias, mas esses outros alunos que ainda estamos com uma interrogação enorme...

[...]

Tenho um aluno que possui uma particularidade na fala, na oralidade, e eu percebo que ele também tem bastante dificuldade nas atividades. (Cecília)

Sacristán (2002) nos adverte em sua análise sobre as singularidades dos sujeitos que possivelmente percebamos as diferenças dos mesmos, porém, essas diferenças não podem produzir desigualdade. O autor corrobora este argumento afirmando que “a diferença não é

⁴ Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o que era chamado de “autismo”. Revista: Autismo e Realidade Guia para leigos sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA). A *Revista Autismo* é uma [revista brasileira](#), de frequência trimestral, sobre [autismo](#). Disponível em formato impresso e digital, foi criada em abril de 2010 por pais de crianças com autismo, com 100% de doações e trabalho voluntário. Foi a primeira revista periódica sobre autismo do [Brasil](#), como também a primeira da [América Latina](#) e a primeira em [língua portuguesa](#) no mundo.

somente uma manifestação do ser único que cada um é; em muitos casos, é a manifestação de poder chegar a ser, de ter possibilidades de ser e de participar dos bens sociais, econômicos e culturais” (p.14).

A professora Cecília demonstra sempre está muito preocupada e angustiada em sua atuação apesar de toda a sua experiência. Esclarece que todo o início de ano passa pela mesma experiência, o que sob o seu ponto de vista dificulta a realização de um bom trabalho. Deixa claro em seus argumentos que gosta de ensinar e se sente realizada, porém gostaria que as coisas não fossem tão difíceis, atribuindo também a falta da participação de pais e responsáveis na vida dos filhos como *peças dessa engrenagem*.

Existem alunos defasados, justamente por conta da questão da falta da parceria, a gente sente falta desse comprometimento da família e aí por conta disso a criança vai apresentando dificuldades na aprendizagem e a forma como a gente descobre é a observação. A partir daí a gente solicita à família que procure uma ajuda médica pra uma avaliação mais especializada, uma vez que a gente não tem condições de laudar ninguém e caso precise, e então, a gente busca estar sempre encaminhando essa criança pra uma avaliação especializada. Na maioria das vezes infelizmente essas avaliações, essa busca por uma avaliação mais detalhada pela família, não acontece. São raras as crianças que a gente percebe que têm uma necessidade especial de aprendizagem e que aquela criança ela tem um laudo pra gente ter um norte, ah eu tenho que ir pra cá, eu tenho que ir pra lá, muitas vezes a gente vai pra lá e vai pra cá porque a gente é que se desafia a isso. (Cecília)

O discurso da professora de forma contumaz estabelece diferentes dificuldades no que tange ao ensino dentro das escolas. Durante as entrevistas foi esclarecido sobre as análises da pesquisa cujo objetivo ancora-se nas dificuldades de ensinagem dos docentes para com aqueles que apresentam de dificuldades na aprendizagem, entretanto, é possível perceber que os conflitos vivenciados pela professora Cecília permeiam pela própria dificuldade em não saber distinguir em um primeiro momento as especificidades dos sujeitos, o que possivelmente torna o seu trabalho docente um pouco árduo. A professora lida com conceitos diferentes em seu discurso, como dificuldades de aprendizagem, necessidades educacionais especiais e defasagem. A preocupação da professora em relação à participação de pais e responsáveis na vida do estudante é válida, positiva. Entendemos que escolhemos esta profissão e como profissionais precisamos pesquisar, estudar, refletir, e nos questionarmos sempre.

Na sala de aula, no processo de ensinagem, cabe aos professores conhecer a cada dia os seus alunos, conhecer no sentido de uma relação sobre o ensino e aprendizagem que vão sendo construídos momentos após momentos, os sujeitos são únicos, os desejos distintos afinal, “o ser humano está integralmente incluído em tudo aquilo em que intervém [...]” (BLEGER, 1985). Existem saberes já construídos, pensamentos idealizados e a relação do sujeito com a escola.

Sacristán (2002, p. 18) nos revela que:

a educação tem ideais e desempenha funções muitas vezes de caráter contraditório por pretender provocar a diferenciação individualizada e, ao mesmo tempo, a socialização homogeneizada, que significa compartilhar traços de pensamento, de comportamento e de sentimento com os outros.

Percebo que o desencontro em sua práxis é por estar em busca das respostas para os seus questionamentos, talvez isso a torne insegura e, provoque ansiedade à professora sobre a sua atuação, mas “é necessário analisar as ansiedades de ficar “nu”, sem status, diante do estudante”. (BLEGER, 1985). Senão, como diz Arroyo (2011), perderemos o sentido do nosso saber-fazer. É lógico que representam situações de conflitos que fazem parte do cotidiano, entretanto a reflexão sobre o fazer docente poderá possibilitar à professora redimensionar o ensino de forma prática, didática e dialógica.

Tardif, ao refletir sobre o saber docente no que tange a sua subjetividade, afirma:

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. (TARDIF, 2012, p. 230).

Ao ouvir as narrativas da professora Raquel pude perceber que não havia feito claramente uma distinção dos conceitos permeados em seu discurso pois sinalizou que além dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, ela recebeu três (03) alunos que vieram de outras unidades escolares classificados como alunos AEE's⁵ (Atendimento Educacional Especializado), ou seja, alunos que por força de lei precisam receber atividades diferenciadas ancoradas nos conteúdos planejados pela professora, de modo que esses alunos se sintam incluídos, juntamente com os seus pares. Entretanto, a sua fala potencializa as nuances dos alunos identificados como especiais, ou seja, os que necessitam de um atendimento pedagógico de acordo com as suas especificidades. Ela diz:

Eu tenho nessa sala aqui à tarde a aluna V⁶, eu estou achando muito difícil lidar com essa situação, porque ela ainda não foi diagnosticada, se ela realmente é uma criança AEE, mas tem todos os sintomas, todos os aspectos de uma criança AEE, e ela não

⁵ De acordo com a Deliberação CME nº 1 de 5 de julho de 2012, no Capítulo III da Organização e funcionamento, na seção I, da Unidade Escolar em seu artigo 7º, informa que deve ser garantido no Projeto Político Pedagógico o acesso e as condições para atender ao conjunto de necessidades e características do aluno público-alvo do AEE.

⁶ V. letra inicial do nome da aluna.

aceita fazer atividade diferenciada. “Por que tia, por que só eu tenho que fazer essa atividade?”. Então ela não aceita, quer ficar copiando do quadro da maneira dela e às vezes eu dou uma atividade diferenciada pra ela fazer em casa, mas a atividade vai e não volta, não volta. Então tenho muita dificuldade de trabalhar com a aluna V., porque eu sei que ela tem muita dificuldade, ela não tem compreensão da leitura, ela lê ainda pausadamente e não aceita atividade diferenciada. (Raquel)

Ora a professora diz ter dificuldades para ensinar “V” em razão dos “sintomas” apresentados, o minidicionário Bueno apresenta a palavra sintoma, como: “fenômeno que revela uma lesão ou perturbação funcional de um órgão; indício; presságio; aparência”. Dito isto, entendemos que nesta visão seria algo clínico, que deveria ser analisado por um médico ou um especialista. O conflito vivenciado pela professora a faz repensar sobre o seu discurso e diz apresentar dificuldades, tendo em vista que a aluna não tem uma compreensão da leitura, dentro do considerado parâmetro institucionalizado, pois a professora deixa claro que é uma menina esperta, sagaz, ou seja, sabe ler o mundo que a cerca à sua maneira.

Na concepção de Fernández (1991, p.116), “a aprendizagem é um processo que significa familiarmente, ainda que se aproprie individualmente, intervindo no organismo, o corpo, a inteligência e o desejo do aprendente e também do ensinante, mas o desejo é necessariamente o do desejo do outro”. A partir deste olhar, podemos pensar, será que necessariamente o desejo de “V” é estar na escola? E, se deseja estar na escola, o que almeja aprender? Que pistas “V” poderia oferecer à professora de modo tal que proporcionasse o diálogo entre ambas?

Existe um conflito. A professora insiste em apresentar atividades pedagógicas diferenciadas para aluna, entretanto a aluna não aceita. Estou diante dos fatos narrados pela professora que parece se sentir aflita, quer a todo o custo reproduzir e imprimir atividades que não demandam de muita escrita e quem sabe esforço intelectual, conhecimento, afinal, “o pensar é o eixo da aprendizagem” (BLEGER, 1985, p. 64) mas, a aluna não aceita porque não se enquadra no público-alvo “diagnosticado” pela professora. A mãe não disse que a filha é especial, a escola não tem parecer pedagógico, nenhum médico emitiu diagnóstico, enfim, Raquel não sabe lidar com a situação. Não consegue encontrar os possíveis caminhos didáticos-pedagógicos.

Em um determinado momento da entrevista narrativa a professora reflete sobre o seu discurso em relação a “V” e diz:

A matemática, como a parte mais simples, ela ainda avança melhor do que na escrita e na leitura. Mas mesmo assim é muito lento o raciocínio lógico dela, ela pensa muito, ela é muito pausada pra fazer as coisas, vai pegar um lápis na mochila, aquilo derruba tudo, vai catar aquilo tudo de novo, vai organizar, é muito lenta pra tudo que ela vai fazer, e eu estou sentindo muita dificuldade de trabalhar com a aluna. (Raquel)

É quase um grito de socorro, a professora se vê aprisionada na situação, a aluna “V” possui dificuldades nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, porém, o comportamento parece distinto em relação aos conteúdos apresentados nas referidas matérias. Demanda esforço emocional e psicológico para professora Raquel refletir sobre a sua prática pedagógica no que tange ao ato de ensinar. O verbo ensinar precisa ser revisitado em sua prática cotidiana no intuito de ressignificar saberes em busca de novas aprendizagens.

Se nos colocarmos no lugar de “V” possivelmente teremos o sentimento da discriminação, mesmo que a professora não saiba, não presuma tal situação em sua prática docente; a aluna estará sempre em condições desfavoráveis.

Sampaio (2011, p.38) nos chama a atenção para o seguinte fato: “para que a criança possa se desenvolver e aprender, ela precisa ter construído condições internas de raciocínio, a fim de que possa interpretar o conteúdo (...)”. Ela ainda acrescenta: “as condições internas de raciocínio serão conquistadas à medida que as crianças possam ter oportunidade de agir sobre objetos, manipulá-los, deformá-los, dividi-los em partes, reunir as partes em um todo, deslocá-los” (p.39). Para a autora, “os problemas de aprendizagem podem se apresentar em razão de uma metodologia inadequada, método de alfabetização inadequado, privação docente, falta de planejamento das atividades, desconhecimento da realidade cognitiva dos alunos” (p.90).

E pensar em tudo isso nos leva às dificuldades de ensinagem que pouquíssimas vezes são reconhecidas pelos professores; geralmente, consideram que as dificuldades vêm exclusivamente dos alunos. Bleger (1985), ao discutir sobre ensino e aprendizagem na atuação de grupos operativos, ressalta a importância dos conhecimentos adquiridos como também a habilidade de agir sobre os mesmos. Esta afirmação é plausível para a educação, para docência. Não basta ter conhecimento, é preciso saber compartilhar e torná-lo produtivo e potente para toda sociedade. Não basta ter formação docente, é preciso saber ensinar. É preciso “converter em ensino e aprendizagem toda conduta e experiência [...]” (BLEGER, 1985, p.58).

Penso que no início de cada ano letivo alguns professores querem entender o perfil de todos os seus alunos, mas é preciso agir com calma, ser bastante cauteloso e ético, não se pode homogeneizar uma turma, é necessário compreender que a lógica do tempo da aprendizagem varia de acordo com as variáveis existentes na vida de cada criança, nível social e cultural da família, ambiente em que vive, acesso às informações que promovem compreensão e argumentos nos espaços explorados, ou seja, o mundo para a criança é muito mais que a escola, são descobertas a serem feitas, precisamos considerar que “o ser humano pode transformar a enseña em conhecimento” (FERNÁNDEZ, 1991, p.52)

Ao questionar a professora Madalena sobre as dificuldades de ensinagem na arte de seu ofício, ela compartilha que tem sido complicado, atribuindo principalmente à falta do olhar atento para a educação, no que concerne ao poder público, o que segundo ela respinga na escola e assim, em sua prática de sala de aula. Fala do espaço físico e da falta de material didático para os seus alunos. Diz que tem sido difícil trabalhar.

A professora Madalena desabafa dizendo que não depende somente de o docente analisar as dificuldades das crianças. Esclarece que algumas necessitam de acompanhamento médico e que já existiram casos de alunos que necessitavam de exame na rede pública, porém o processo foi tão demorado, que atrapalhou o fechamento do diagnóstico como também dificultou o desenvolvimento do aluno. Ela esclarece que ninguém caminha sozinho, e o professor não caminha sozinho, é necessário que haja compromisso de todos. Escola, professor, responsáveis, parcerias que possam ter um olhar atento para a educação.

Acredito que não se trata de delegar a culpa, mas de refletir sobre as dificuldades que enfrenta para ensinar, afinal, é esta a profissão escolhida. A professora Madalena ao ser questionada sobre a existência de alunos com dificuldades de aprendizagem, diz: *sempre, todo ano tem crianças com alguma necessidade especial*; entretanto, o viés da investigação visa tratar das possíveis dificuldades do trabalho docente para com os educandos ditos com dificuldades de aprendizagem.

Em consonância com a Legislação Brasileira, o ⁷CME (Conselho Municipal de Educação) de Macaé, em seu artigo 6º trata o seguinte:

Os alunos considerados público-alvo da Educação Especial, caracterizados por dupla matrícula em classes comuns e no Atendimento Educacional Especializado –AEE, são assim classificados: I - Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial; II - Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras [...]

Parece um pouco complicado ainda para alguns professores diferenciar uma condição da outra, tendo em vista os argumentos apresentados, mas mesmo assim, apesar das suas dificuldades de ensinagem de ser professora em uma turma possivelmente bastante heterogênea, a sua expectativa é viver em busca de soluções, e completa a sua fala:

⁷ Deliberação CME nº 1, de 05 de julho de 2012. Fixa normas para a Educação Especial – AEE e Atendimento aos Educandos com Necessidades Especiais – NEE, numa perspectiva inclusiva, na Rede Municipal de Ensino de Macaé.

Na realidade, a criança pode ter qualquer tipo de problema, mas todas elas aprendem, todas têm a condição de aprender, claro cada um aprende no seu tempo, na sua hora, e a gente tenta, pelo menos a gente busca várias atividades, principalmente trabalhar com materiais concretos, que é importantíssimo para o desenvolvimento dessas crianças. (Madalena)

Freire (2006b, p.118) afirma: “sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade [...]”. Nesta relação, é preciso compreender que “cada criança é única na sua forma de ser, de aprender, bem como de não aprender. Perguntamo-nos, enquanto docentes, por que alguns conseguem aprender e outros não, se a forma de ensinar é a mesma” (SAMPAIO, 2011, p.33). Eis uma pergunta que deveria ser refletida por todos os docentes em sua prática de ensinagem: é a criança que não consegue aprender ou sou eu que não consigo ensinar?

As inquietações das professoras são semelhantes. Alunos com dificuldades de aprendizagem que chegam às escolas e, as professoras ansiosas para ensinar, entretanto, quando se deparam com situações aparentemente impossíveis de resolver nos primeiros dias de aula, se lançam aos seus questionamentos como profissionais da educação e o que é possível fazer para tornar a vida do seu aluno ou aluna mais próxima da realidade que os cerca.

Para Freire (2006a, p.38), “a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir compreensão do que vem sendo comunicado”. O autor acrescenta: “O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico”.

2.2 Caminhos e estratégias nas dificuldades de ensinagem: saberes, práxis e experiência

Em se tratando de alunos com dificuldades de aprendizagem busco nas falas das professoras quais as estratégias pedagógicas utilizadas com o objetivo de alcançar estes educandos como também potencializá-los nos conhecimentos que possuem. Afinal, muitos saberes que talvez não façam parte da escola fazem parte da vida destes sujeitos nos lugares onde moram, com as pessoas que convivem ou simplesmente foram aprendendo através das necessidades do cotidiano.

A professora Clarice nos conta como tem sido realizado o seu trabalho e quais estratégias têm sido utilizadas no intuito de alcançá-los:

Bem a gente faz o que a gente pode. É com jogos, com diálogo, com estratégias que façam com que essa criança possa desenvolver uma autonomia, porque muitas vezes a criança com necessidade especial é difícil dela ter essa autonomia, pra muitas coisas não só pra escrita ou leitura, pra muitas outras coisas, e na nossa escola também tem uma professora, uma sala especializada pra poder ter também esse contato no contraturno com esses alunos, então é um trabalho em conjunto que a gente tenta fazer, com os jogos, com atividades diferenciadas no que a gente prepara uma atividade diferenciada, uma atividade que esse aluno consiga fazer, que ele faça sozinho, que ele não se sinta em momento nenhum diferente dos outros. (Clarice)

Nesse sentido, é possível perceber que a proposta de trabalho da professora Clarice busca valorizar o conhecimento dos alunos como também incentivá-los a ser autônomos; entretanto, o pensamento da professora endossa o que maioria diz, não consegue fazer distinção entre público-alvo da educação especial com os alunos com dificuldades de aprendizagem no início do ano letivo, o que a impossibilita de ter mais segurança. A prática de atividades diferenciadas não deve se tornar cotidiana afinal, a criança se sentirá constrangida. Na verdade, Clarice precisa da orientação do ⁸ professor orientador pedagógico no sentido de apresentar a proposta pedagógica de conteúdos a todos, sem distinção, levando-se em consideração o tempo de cada sujeito, que é ser único. Antes dos conteúdos é preciso conhecer o/a aluno/a, saber sua história de vida, ou seja, o que o/a fez chegar à determinada série e, ainda com a determinada dificuldade de aprendizagem.

Sampaio (2011), conforme já visto, reitera que cabe ao professor construir conhecimentos junto com os alunos, ao mesmo tempo em que transmite valores e emoções, visando trabalhar sentimentos muitas vezes provocados pelo reconhecimento das dificuldades vividas, sugerindo até recorrer à arte para lidar com situações provocadas pelos impasses e dilemas da docência (SACRISTÁN, 2002).

Libâneo (2015, p.69) pontua que “o professor é um profissional cuja atividade principal é o ensino. Sua formação inicial visa propiciar os conhecimentos, as habilidades e as atitudes requeridas para levar adiante o processo de ensino e aprendizagem nas escolas”. É preciso favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem mesmo que possa parecer pequena, mas representa a valorização do sujeito-educando. As dificuldades não podem ser vistas como obstáculos permanentes, mas sim como desafios no percurso da profissão. Diante da fala da professora sobre as estratégias pedagógicas e jogos trabalhados com os alunos, questionei sobre os avanços observados com estes sujeitos, e ela me disse que existiram alguns no decorrer do ano letivo.

⁸ Professor Orientador Pedagógico (POP) na rede pública de ensino de Macaé se assemelha ao Coordenador Pedagógico na rede estadual.

A gente sabe que não é uma coisa assim tão repentina, não é rápido, pra nós professores, a gente tem muita pressa, às vezes a gente tem essa angústia, às vezes mais até... eu sinto isso, mais até do que quem está ali com aquela criança no dia a dia. Mas eu observo esse avanço, me alegra muito quando eu percebo um avanço, compartilho com colegas, que têm parceria comigo ou mesmo quem não tem, que contribuíram ou não para aquele avanço daquela criança, então eu observo. É pouco, porque eu também me julgo por fazer pouco, eu acho que o que eu faço... sempre assim, eu acho que não é o suficiente. Então o pouco que eu faço eu acho que dá resultado. (Clarice)

Percebe-se na fala da professora, apesar da escolha da profissão, apesar da formação e tudo que envolve o *ato de ensinar*, ela se julga despreparada, parece não acreditar muito no que faz. Morin (2011, p.69) alerta que “o futuro permanece aberto e imprevisível”. A professora Clarice fala da pressa, a pressa que é da professora, atribuindo a ela mesma esta característica, talvez essa pressa não seja a do aluno, ou melhor dizendo, o tempo de cada um não é o mesmo. Precisamos ter em mente que os sujeitos são diferentes e cada um possui a sua especificidade para aprender e a professora em sua prática poderá se valer dos saberes imbuídos na profissão.

Para Tardif (2012, p. 33) “o saber docente se compõe, [...], de vários saberes provenientes de diferentes fontes”. Ainda, conforme reflexão do autor, “esses saberes são saberes disciplinares, curriculares, profissionais (incluindo os das ciências da educação e da pedagogia) e experienciais”.

Ao conversar com a professora Cecília sobre as suas estratégias pedagógicas, ela argumenta que sempre lançou mão de várias para conseguir auxiliar os alunos de acordo com as suas necessidades. Pontua que está sempre conduzindo os estudantes para um diálogo constante com o mundo da leitura e da escrita desde a tenra idade, afinal, o início da sua experiência foi marcado pela educação infantil.

Ela diz seguinte:

Essa questão da coordenação motora fina, na questão da pauta sonora mesmo, da consciência fonológica, saber o som que aquela letra, que aquela sílaba reproduz, mas ainda há muito o que ser alcançado, porque os alunos precisam muito assimilar essa questão de frases, de um período mais longo, pequenos textos, produção mesmo de pequenos textos... (Cecília)

Alves (2018, p.194), traz a discussão que “aprender e ensinar nem sempre andam juntos. Muitas vezes, muito se ensina e nada se aprende, porque o sujeito que foi ensinado não se sentiu integrado e inteiro”. Enquanto o aluno não se sentir pronto a se colocar por inteiro, a professora levará mais tempo para identificar as suas reais necessidades e isso a faz sentir impotente diante das situações. Percebe-se na fala da professora as diversas dificuldades em lidar com os alunos, pois as dificuldades são diferenciadas, em público com características distintas, afinal, uma

turma é composta de grupo de pessoas, de famílias distintas, com sentimentos e interesses particularmente inerentes ao ser.

Coordenação motora, consciência fonológica e compreensão textual, peculiaridades conceituais que precisam ser trabalhadas pela professora Clarice, de forma tal que os alunos se sintam preparados para avançar, mas como dar conta de tudo e de todos com tantas exigências pedagógicas pertinentes à instituição? Acredito que sejam esses os seus questionamentos.

No que tange à coordenação motora, Fernandes (2011) diz acreditar sobre a importância de uma educação física sistemática e ordenada, entretanto, a professora regente precisa acompanhar o aluno no intuito de observar os avanços apresentados, pois se houver a necessidade de algo mais específico, estará apta para fazê-lo. A percepção da fragilidade da consciência fonológica, talvez resulte do convívio diário da criança com pessoas que não possuem uma educação escolarizada o que as levam a pronunciar palavras como imaginam como seriam escritas e ditas, assim, estas as reproduzem. Em relação a compreensão textual o educando ainda não possui condições internas de pensamento para leitura, reflexões e análise.

Vygotsky, ao refletir sobre *Pensamento e palavra* (2008, p.149) pontua que: “ao longo da evolução do pensamento e da fala, tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve”. Possivelmente o educando ainda não alcançou uma consciência potente para a série na qual está inserido, todavia, não significa estar despreparado, afinal, a nossa vida é um processo permanente. Compreender o que se lê demanda atenção naquilo que ler. Demanda concentração. Interesse. Não necessariamente uma criança não compreendeu o tema, o assunto. Talvez não traga interesse, ou simplesmente, não está lendo e escrevendo com autonomia, com fluência, e muitos diriam não está alfabetizado.

A professora Cecília se mostra angustiada e aflita, quer muito ensinar aos seus estudantes, mas, em determinados casos, diz sentir que não conseguirá dar conta de tudo, pois além do trabalho da sala de aula, necessita da participação mais efetiva dos pais nas atividades que são direcionadas como “dever de casa”. Entendo que o acompanhamento dos pais nas atividades escolares é de suma importância, de modo algum poderá ser desconsiderado, mas, no que tange às habilidades da professora ao ensinar, ela é a atriz principal na arte da docência.

O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão, interpretação e decisão que possuem, geralmente, um caráter de urgência. Essas

interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc. (TARDIF, 2012, pp 49-50).

Desse modo, o professor terá sempre diante de si situações cotidianas que necessitam ser bem administradas em sua sala de aula e sua capacidade de ensinar está diretamente atribuída à sua profissão como também as estratégias pedagógicas aliadas à sua experiência e formação. Para Arroyo (2011, p. 53), “reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos”. A profissão-professor está diretamente voltada na relação com os sujeitos, o saber lidar com os sujeitos, na valorização destes sujeitos como pessoas produtoras de conhecimento.

A professora Raquel argumenta que percebe que boa parte de seus alunos apresenta muita dificuldade na disciplina de matemática, o que a faz providenciar atividades diferenciadas; explicou que gosta de trabalhar com material dourado, pois facilita muito como recurso, porém não abre mão de jogos didáticos, visto que auxiliam muito na aprendizagem do aluno por se tratar de algo lúdico. É possível perceber no argumento da professora que ainda não foi possível realizar um consolidado em relação à sua prática pedagógica. Acredita que seja necessário ter um planejamento didático organizado de acordo com a realidade da turma, a fim de não torná-lo fragmentado, raso didaticamente. Cada atividade mencionada propõe objetivos diferenciados, todavia, torna-se necessário a compreensão dos estudantes sobre o conceito matemático explorado o que possibilitará novas aprendizagens.

No prosseguir da entrevista narrativa, Raquel menciona que em relação à disciplina de Língua Portuguesa não é diferente, ela procura oferecer aos alunos com as determinadas especificidades textos curtos ou recortados para facilitá-los em sua compreensão de modo que leiam e entendam o tema ou assunto tratado. Raquel demonstra em seu rosto a angústia que sente quando espera por alguns alunos no momento que realizam cópia de atividades da lousa. Apesar da existência de alguns alunos com dificuldades em Língua Portuguesa a professora Raquel destacou a aluna “S”:

Ela copia uma palavra, para, vai ver um lápis, vai apontar o lápis de novo, vai mexer na borracha, vai mexer na mochila e demora muito pra copiar a atividade, então não dá tempo de leitura, enquanto todos já leram, já fizemos atividades, a leitura coletiva, ela ainda tá copiando, então ela é muito lenta pra turma, ela é muito devagar, disse que gosta muito de acordar tarde, que ela dorme muito tarde. (Raquel)

Ao ouvir este depoimento, perguntei à professora sobre a estratégia do uso do livro didático em sala de aula, afinal, em se tratando de escola pública, todos os alunos possuem os livros gratuitamente. A professora diz o seguinte:

o livro didático é bem melhor, ela compreende, ela lê, porque o problema dela é copiar. Mas quando eu trabalho o livro didático ela lê direitinho, ela acompanha a leitura, é mais lenta para escrever as respostas, mas na parte da leitura e da compreensão é bem melhor do que quando eu dou o textinho na lousa. (Raquel)

Para Libâneo (2015, p. 49) a escola “é uma síntese entre a cultura experienciada que acontece na cidade, na rua, nas praças, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho etc”. Em se tratando, dessa aluna em especial, a professora informou que a aluna gosta muito de *Tik Tok*, *Instagram*, essas coisas de internet, ferramentas que a professora diz não dominar, todavia, provavelmente esse seja o caminho para alcançá-la. Trabalhar conteúdos e escritas, voltados para mídias da internet de forma didático-pedagógica, mas a professora não possui conhecimento sobre mídias mais elaboradas, e com isso, existe uma lacuna com os que possuem conhecimentos da geração 4G's e 5G's do século 21, ou seja, sofisticados saberes tecnológicos.

O tempo de experiência como professora, formação em Normal Superior mais a sua prática de sala aula, precisam estar conectados com a realidade dos dias de hoje. O “saber ensinar”, do ponto de vista de seus fundamentos na ação, remete a uma pluralidade de saberes” (TARDIF, 2012, p. 210). Sendo assim, entendo que não somos especialistas, mas somos profissionais cuja demanda das nossas ações está inerente às novas pesquisas e aos novos conhecimentos, assim, deve ser norteadas a prática da professora Raquel, no intuito de potencializar os seus saberes afinal, a escola é viva, e os estudantes chegam até o espaço escolar impregnados de saberes de diversos lugares e isso possibilita riqueza de conhecimentos.

Em entrevista com a professora Madalena sobre as estratégias pedagógicas utilizadas com vistas a alcançar todos aqueles que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem e como é feito o trabalho, ela compartilha o seguinte:

São muitas. A gente tenta de várias coisas, principalmente quando você não tem uma escola estruturada, nós não temos nem o material pedagógico apropriado pra isso e nem tão pouco, muitas vezes, o material humano, também preparado pra isso, e aí o professor ele passa a ser psicólogo, ele passa até a ser a mãe dessa criança, o amigo, o conselheiro e você vê aquela criança que quer aprender, com maior dificuldade, mas que não depende só da gente pra gente poder melhorar isso, mas eu por exemplo, eu compro material didático, concreto, eu trabalho com muito material concreto com essas crianças na sala de aula. Eu percebi que ao manusear essas coisas as crianças conseguem visualizar melhor, eles conseguem entender melhor a situação e eles vão aprendendo dessa maneira a realizar as operações básicas da matemática. (Madalena)

Entendemos que as dificuldades das escolas públicas são bastantes semelhantes, o espaço físico que não é adequado, falta de material pedagógico e, em se tratando de material humano como dito pela professora, o município de Macaé está sem realizar concurso público

do magistério desde 2011, o que ocasiona falta de professores, orientadores educacionais, orientadores pedagógicos e supervisores; essa lacuna de espaço de tempo representa trabalho de mão de obra contratada, principalmente de professores e auxiliares, ou seja, um movimento de entrada e saída anuais destes profissionais, fragmentando a continuidade do trabalho docente, visto que, acaba o contrato, termina o serviço.

Em se tratando de sua prática docente, a professora diz perceber que algumas crianças vão para a escola sem noção de valor do dinheiro, sistema monetário, contato com algum tipo de compra ou troca, ressaltando a importância das famílias nesta prática. Ela diz que trabalha muito com as quatro (04) operações e o sistema monetário, visto que fazem parte do dia a dia desde o início da vida de cada um de nós.

Então, me asseguro das informações e digo: as estratégias funcionam. Ela diz:

Funcionam. Materiais concretos principalmente, você precisa trabalhar muito a parte lúdica da criança, muito. Essas crianças precisam ser chamadas o tempo todo, chamar a atenção dessas crianças. Você pode usar... eu uso muitas músicas, muita contação de história, materiais diversos. Eu faço muita coisa em casa, até com cabo de vassoura. Tudo que eu posso, capa de caderno velho, eu transformo em bingo, tudo isso eu tento melhorar e compro algumas coisas, porque o nosso salário também não é tão grande assim... (Madalena)

Madalena também traz à discussão a sua prática de sala de aula em relação ao ensino da Língua Portuguesa, diz que a defasagem é muito grande e que tem trabalhado muito nesse aspecto, tanto na escrita e na leitura quanto na gramática, ressalta que é um trabalho árduo, diário e constante. Argumenta que quando conseguirem dominar a leitura, ter autonomia, compreender o que ler, terão mais facilidade para dominar os conceitos básicos da matemática, conseguirão desenvolver as quatro (04) operações, fluir no raciocínio lógico, resolver problemas matemáticos, enfim, ter a capacidade de seguir em frente; esclarece que a sua função como professora é formar pessoas para o mundo.

Em se tratando do trabalho docente das professoras regentes: Clarice, Cecília, Raquel e Madalena, é possível perceber a valorização dos sujeitos aprendentes em suas dificuldades de aprendizagem, pois, identifiquei na ensinagem das quatro (04) professoras regentes a imprevisibilidade de suas ações na escolarização potente desses sujeitos. Conseguiram compreender que o “aluno ideal” é o aluno que foi alcançado em sua especificidade; graças às suas estratégias docentes, acolhimentos, planejamentos pedagógicos flexíveis, atividades diferenciadas, e acima de tudo, a sensibilidade de reconhecer que é possível ensinar sem segregar.

Conforme afirma Porto (2009, p.47), “cabe ao professor tornar o processo de aprendizagem incentivador, em si mesmo, levando as crianças a direcionar toda sua energia e sua motivação no enfrentamento dos desafios intelectuais propostos pela escola, para o desempenho do trabalho de construção de conhecimento”. Sendo assim, entendo que a aproximação entre ensinante e aprendente possibilitará vieses norteadores de novas descobertas e aprendizados. São professoras que acreditam, que buscam novos caminhos, que se reinventam, no intuito de alcançar resultados exitosos para a vida dos educandos.

2.3 **Ensinação e pandemia: ziguezagues no ensino e na aprendizagem**

12 de março de 2020, esta data sempre será lembrada. A diretora envia uma mensagem via WhatsApp dizendo que a Secretaria Municipal de Educação emitiu um comunicado nos informando que professores e alunos deveriam ficar em casa em razão da Covid-19, sem previsão de retorno. Confesso que fiquei surpresa com a notícia, afinal, nunca havia presenciado algo parecido em minha vida. Uma questão de saúde pública. Pandemia. O mundo estava em crise.

“Nossa fragilidade estava esquecida; nossa precariedade, ocultada. O mito ocidental do homem cujo destino é tornar-se “senhor e dono da Natureza” desmorona diante de um vírus” (MORIN, 2020, p.24). Vírus desconhecido, sofrimento compartilhado. A vida dos seres humanos já não era mais a mesma. A sociedade havia acabado de receber através dos meios de comunicação em massa uma informação terrível, o vírus mata, precisamos nos isolar. A nossa condição de cidadão não era mais a mesma. A vida mudou. E nesse movimento trágico, a suspensão das aulas foi inevitável.

Esteves afirma:

A suspensão das aulas criou a necessidade de modelos alternativos de ensino, passando a ser considerada a possibilidade e viabilidade de ensino remoto, além da necessidade de reformulação do calendário letivo. Essas medidas de caráter urgente tinham como propósito mitigar o comprometimento do calendário escolar, manter a prestação do serviço educacional, evitar danos estruturais às famílias em situação de vulnerabilidade e baixa renda e ainda impedir o aumento do número de evasão e abandono escolar na pandemia. (ESTEVES, 2021, p. 24)

E como ensinar nos moldes que outrora não havia sido previsto, talvez jamais pensado, mas a realidade que todos presenciavam era que existia um vírus espalhado pelo mundo,

extremamente contagioso. Então, naquele momento ensinar em uma escola, dentro de uma sala de aula com o número considerável de alunos não seria mais possível. E quais seriam as novas possibilidades?

Bem, logo no início todos os profissionais da educação precisaram aguardar quais seriam as orientações da Secretaria de Educação de Macaé. Sendo assim, as primeiras orientações provenientes da instituição foi organizar uma plataforma para professores e alunos intitulada “Educação não para”, local onde nós enviávamos atividades pedagógicas para os estudantes realizarem, acessando os conteúdos de acordo com as series.

Todavia, existiam crianças que não possuíam acesso à internet, outras não sabiam buscar as atividades de forma precisa, o que dificultava o acompanhamento das aulas; desse modo, a Secretaria de Educação lançou mão de uma outra proposta no intuito de facilitar a aprendizagem dos estudantes. E a solução foi a seguinte: todos os professores deveriam trabalhar de forma remota, ou seja, lecionar online, porém, os alunos que não possuíssem acesso à internet ou aparelho de celular, os pais deveriam ir até a unidade escolar para receber atividades impressas em horários previamente agendados, afinal, estávamos todos convivendo com a pandemia, precisávamos nos manter distante.

A escola como instituição educacional/social foi o reflexo de como a vida não era mais a mesma. A função primordial do professor era ensinar através da tela de um celular, sem nenhuma formação prévia, afinal, todos foram surpreendidos pelo vírus letal. Os alunos acostumados em suas relações cotidianas estudar, brincar, lanchar na escola, se veem enclausurados dentro de suas próprias casas. Não haveria qualquer tipo de chance de pedir para sentar-se ao lado do amigo ou da amiga favorito/a. Lares literalmente invadidos pois afinal, fora uma permissão forçada. O estudante que não ligasse o celular/o computador e, não entrasse no link enviado, ficaria “sem aula”. A propósito, ter que tornar o link disponível endossou o que muitos professores já sabiam, as suas dificuldades em acessar ferramentas da internet.

Experiências compartilhadas de momentos difíceis, com poucas expectativas diante do quadro social/econômico/cultural que a sociedade estava passando em consequência da Covid-19, denunciavam as fragilidades dos sistemas como também o quanto árduo se tornara essa proposta de trabalho. “Ensinar remotamente é diferente. Ensinar remotamente é desafiador. No ensino remoto é difícil nos permitirmos sentir a ressonância do diálogo” (PEREIRA, 2021, p. 166). Existiam barreiras para ambos os lados, tanto para os docentes quanto para os discentes, uma nova história estava sendo escrita na educação, no Brasil e no mundo.

A professora Clarice conta que logo no início a escola imprimia as atividades para todos os alunos e os responsáveis iam buscar, porém, aos poucos, alguns deixaram de comparecer à

instituição, mesmo disponibilizando atendimento no horário noturno para quem estivesse impossibilitado em razão do trabalho. Sinaliza que o ensino remoto através das aulas on-line possibilitou mudanças, mas, para a professora, a questão do aparelho de celular, tratava-se de um dinheiro que precisava ser investido e, em relação à internet também, afinal, havia a necessidade de aumentar a velocidade para poder garantir uma aula de qualidade nos moldes ora apresentados.

Clarice desabafa:

É..., então... assim... infelizmente, muitos estão dentro dessa forma. A minha turma tá dividida em dois grupos e tem um grupo, uma parte de um grupo, uma grande parte de um grupo que tá bem defasado mesmo e são justamente as crianças que não estavam fazendo absolutamente nada. (Clarice)

Quando a professora sinaliza sobre parte da turma que não estava “fazendo absolutamente nada”, ela se refere aos alunos que os responsáveis não iam buscar as atividades impressas entregues pela instituição como também os estudantes que não tinham acesso à internet, de modo que os tornava cada vez mais distante ao acesso ao ensino/aprendizagem com as dificuldades ora presentes, todavia, a direção da escola procurava insistentemente entrar em contato com essas famílias, por meio de vizinhos e amigos para que os estudantes não ficassem totalmente “desconectados”. Afinal, o isolamento tornara-se necessário e prudente para que vidas fossem preservadas.

A professora Cecília acredita que existem novas possibilidades pós pandemia, mas na sua concepção em relação ao cenário presente as coisas não acontecerão tão rapidamente:

Nós vamos demorar alguns anos, acredito eu, levar alguns anos pra conseguir recuperar. Eu não vou dizer que não iremos conseguir, porque eu acredito na educação, eu acredito na profissão que eu escolhi e eu acredito também no potencial do ser humano, não só professores, mas também nos alunos, porque tudo é por eles e para eles, muitas limitações, muitas... (Cecília)

E continua refletindo sobre, e diz: *“defasagens, questionamentos, reflexão...são dois anos que nós não vamos esquecer”*. Se mostra bastante pensativa a respeito do ensino/aprendizagem dos educandos e comenta que ficarão marcados em nossa história e enfatiza prevendo o seguinte: *“aí lá na frente a gente vai olhar, passamos por isso, vencemos, mas a defasagem estará enorme, principalmente para os alunos que não têm acesso à internet, porque não são todos que tem, não são todos mesmo que tem”*.

A professora Raquel salienta que a pandemia foi e tem sido um grande empecilho na vida dos estudantes, e destaca algumas implicações, como por exemplo:

O fato de as crianças não estarem frequentando a escola..., essa parte on-line deixou muito a desejar, devido à situação de muitos familiares, não ter o material próprio, não ter o celular que fique com a criança, às vezes é um celular só e que precisa o adulto trabalhar e levar; a dificuldade da internet, isso daí foi um ponto muito negativo, muitos lugares não têm conexão e não tinha como a criança fazer. Essa parte da pandemia aí, nossa, foi uma coisa muito difícil, atrapalhou muito a vida das crianças em relação ao aprendizado, a meu ver. (Raquel)

Além da pandemia, a professora Raquel acredita que a não responsabilidade de alguns pais tem dificultado bastante o avanço na aprendizagem, pois afinal, os alunos são crianças, não respondem por si mesmos, mas segundo ela, os responsáveis sabem que a educação é importante na formação presente e futura destes pequenos cidadãos.

A professora Madalena contou sobre a sua incrível experiência na pandemia, se mostrou uma pessoa bastante comunicativa, versátil e ousada. Conforme o planejamento da agenda docente referente aos dias e horários combinados, dava as suas aulas remotas, recebia os exercícios enviados pelos alunos assim, como as outras profissionais, entretanto, por ser moradora do bairro onde trabalha e conhecer praticamente todas as famílias cujos filhos estão matriculados na escola, se aventurava ir à casa dos alunos; previamente higienizada e com máscara, levando as atividades para os educandos que não possuíam acesso à internet ou àqueles cujos pais dispunham somente de um aparelho de celular afinal, existiam famílias cujos os filhos estavam na educação infantil, nas series iniciais e series finais, ou seja, tornara-se necessário fazer uma escolha com quem ficaria o celular.

Interessante pensar que durante a pandemia além da importância da saúde pública no que tange ao cuidado com a população do mundo afora, pode-se afirmar que a profissão-professor teve destaque em relação ao ato de ensinar, houve um crescente aumento do reconhecimento social, pois, muitos pais e responsáveis diziam que estava difícil acompanhar a aprendizagem de seus filhos sem a existência do ensino presencial, endossando em suas falas que o retorno seria algo imprescindível afinal, os professores sabiam como ensinar. Passaram a sentir muito falta da função social das escolas.

Em se tratando da volta às aulas, quando a situação havia amenizado em decorrência do uso das vacinas, prioritariamente para os adultos e pessoas com as devidas comorbidades, as professoras compartilharam que o retorno não foi nada fácil tanto para as profissionais quanto para os alunos, pois alguns se mostraram fragilizados, tristes, preocupados e com muito medo, mesmo seguindo a todos protocolos instituídos pela orientação da saúde pública, por meio dos governos federal e municipal.

Logo no início, no município de Macaé, as turmas foram divididas em dois (02) grupos a fim de que o número de crianças na sala de aula fosse menor. Fazia-se diariamente o uso de

máscara como também a higienização das mãos com água e sabão e o uso do álcool em gel, na esperança de que todos estivessem protegidos.

A pandemia fragilizou a vida dos alunos, professores, profissionais da educação, pais e responsáveis por um período bastante representativo. A vida da sociedade mudou, os hábitos mudaram. No que tange ao ensino, a aprendizagem e ao convívio dos estudantes com os seus pares, ressaltou a olhos vistos como a escola é, e sempre será importante. Conforme Oliveira *et al.* (2021, p.71) “A escola é um espaço genuíno de socialização, uma oportunidade de seus sujeitos, de suas crianças, saírem do mundo privado (família) para a troca na pluralidade social”.

A função social da escola ultrapassa os limites do ensino e da aprendizagem. No espaço escolar produz conhecimento, saberes, novas aprendizagens, mas também, é o lugar onde pessoas compartilham vivências e experiências que valorizam a vida, produz mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembro-me perfeitamente dos momentos vivenciados no percurso da minha trajetória para a realização da minha dissertação de mestrado, me senti conduzida pelos meus pensamentos a aceitar o desafio da produção acadêmica e, na condição humana de professora/pesquisadora, compartilhar o quanto a ação formativa do trabalho docente é imprescindível para nossa sociedade. O ato de ensinar, pode-se afirmar que é privilégio da profissão docente. Ensinar requer não somente ter formação, conhecimento, saberes, mas também, empatia, afetividade, respeito, com o sujeito-aluno que deseja aprender.

Ouvir as narrativas das professoras regentes: Clarice, Cecília, Raquel e Madalena (mulheres, esposas, mães, etc.), de uma escola pública do município de Macaé – Rio de Janeiro, sobre o que chamamos possíveis dificuldades de ensinagem, nos fez compreender que na prática os problemas passam por pelo menos dois vieses: as dificuldades de aprendizagem dos alunos em suas condições de fragilidades, tais como cognitivas, emocionais, sociais, familiares, mas também os matizes das práticas docentes, cujas ações didático-pedagógicas estão fortemente ancoradas na construção do pensamento de ensino institucionalizado-padronizado.

As docentes em suas práticas cotidianas possuem expertise ao longo de suas trajetórias que possibilitam compreender o sujeito aluno como ele é, a sua aprendizagem, como interagem com diferentes assuntos e conteúdos ora apresentados; todavia, ensinar àqueles ou àquelas cujas funções cognitivas/comportamentais/relacionais provocam no professor investigação e pesquisa amplia o universo do conhecimento, potencializando a práxis e as encorajando a encarar o mundo com mais esperança. Um/a professor/a comprometido/a não deixará de lutar na possibilidade do imprevisível e tornar a escola e o ensino mais próximos do convívio de todos.

Trazemos a premissa de que para que o sujeito aprenda e compreenda é imprescindível um planejamento contextualizado que possa alcançar especificidades de aprendizagem distintas de modo tal que o processo avance, além de consciência, por parte dos docentes, de seus pontos fortes e suas fragilidades. O aluno que aparentemente “não consegue” perfilar os seus pensamentos jamais poderá ser esquecido ou deixado de lado. É possível perceber o quanto essas professoras são guerreiras, dedicadas e comprometidas na arte de ensinar. O tempo cronos vale ouro, sabedoria, inteligência, conhecimento e verdade naquilo que acreditam.

À guisa de conclusão da pesquisa “Fios de Ouro em Segredo e as Possíveis Dificuldades de Ensinagem”, sinto-me sensibilizada como professora-pesquisadora por estar imbuída na

percepção de uma investigação cujo o alinhar das experiências fizeram parte quatro (04) professoras das series iniciais da rede pública municipal de Macaé-RJ, Brasil; professoras protagonistas das vivências docentes, dos saberes, das experiências e histórias de vida narradas e compartilhadas no intuito de elucidar a relevância do exercício da profissão.

Um trabalho acadêmico iniciado em momento bastante difícil na vida de todos nós cidadãos brasileiros, no qual vivenciávamos o contexto pandêmico que, apesar da minha vulnerabilidade como ser humano, segui em frente. Segui em frente, por acreditar que a pesquisa, o conhecimento, os saberes dialogados por meio da investigação nos possibilitam outros olhares sobre docência, formação e experiência no cotidiano de nossa profissão. Nessa visão, o trabalho em tela evidencia a importância da pesquisa no campo da educação no que concerne à relação ensino-aprendizagem no âmbito da escola pública.

Assim, o presente estudo me possibilitou perceber semelhanças nas falas das professoras no que tange à arte de ensinar a aqueles ditos com dificuldades de aprendizagem. Na verdade, em um primeiro momento expressam que não sabem como lidar com o sujeito-aluno que não apresenta o perfil esperado, ou seja, alunos que de acordo com o sistema de ensino institucionalizado se enquadrariam nas estatísticas série/idade defasada, cujo aproveitamento de aprendizagem é comparado aos resultados proveitosos das avaliações externas. Outrossim, as docentes apresentam em seus discursos situações voltadas para as dificuldades enfrentadas com alunos público-alvo da educação especial, expõem a falta de conhecimento para ‘diagnosticar’, como também o distanciamento dos pais na participação da vida escolar dos filhos.

Na verdade, torna-se essencial saber diferenciar uma condição da outra, para conhecer o sujeito requer tempo, envolvimento e uma didática assertiva. Acredito que o cotidiano escolar é algo que se constrói nas relações de ética profissional, responsabilidade e no compromisso de fomentar o desenvolvimento dos educandos. Apesar dos conhecimentos adquiridos ao longo de suas trajetórias docentes, o recebimento do novo, do diferente, as coloca em contextos conflituosos sobre o que ensinar, para quem ensinar e principalmente, como ensinar.

No movimento da relação ensino/aprendizagem, as professoras buscam por meio de suas práticas, estratégias no intuito de potencializar a aprendizagem dos educandos, com atividades diferenciadas, jogos pedagógicos, brinquedos de sucatas para momentos lúdicos de aprendizagem, no entanto, no que tange ao arcabouço metodológico, o planejamento precisa estar direcionado para os fazeres-didáticos-pedagógicos voltados para pesquisa e reflexão sobre o ensino e a aprendizagem em uma perspectiva formativa, pois o ofício da profissão requer uma

ação cotidiana, cujos diálogos docentes precisam corroborar para uma ressignificação de seus saberes e o quefazer ora construído.

Considero que no percurso do processo da pesquisa “Fios de Ouro em Segredo e as Possíveis Dificuldades de Ensino” foram observadas lacunas sinalizadas nas narrativas das professoras-colaboradoras, como, por exemplo, a defasagem, que apontam como uma das possíveis causas das dificuldades dos aprendentes ao perfil escolar esperado, o que dificulta na realização do trabalho pedagógico. Assim, acredito que a temática mencionada poderá servir de diálogo para pesquisas futuras, consolidando os caminhos docentes na produção de novos conhecimentos e aprendizagens.

Fortalecida pelos momentos vivenciados na investigação, contextualizada no/para o universo do saber/conhecimento, saí do casulo e tornei-me borboleta, borboleta que voa para encantar e embelezar a natureza, a vida, o ensino, desse modo, compreendo que o processo de se tornar professor/a implica em exercitar, em experienciar, em buscar uma visão positiva de si, do outro e do mundo que nos cercam, cujos fios tecidos evidenciam o processo dinâmico na complexidade do ensinar, saber-ensinar, na direção de um futuro mais igualitário, solidário e acima de tudo, humano.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto) biográfica: dimensões epistemológicas-empíricas em narrativas de formação.** In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (Orgs.) Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto) biográfica. Curitiba: CVR, 2016, p. 29-30. Coleção Pesquisa (Auto) biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos, Tomo I.

ALVES, Maria Dolores Fortes. Neuroaprendizagem e educação: a multidimensionalidade do ensinar e aprender. In: **Guia Prático de Neuroeducação: Neuropsicopedagogia, Neuropsicologia e Neurociência.** NAVAS, Ana Luiza, [et al]. Org (PEDRO, Waldir). 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens.** 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BLEGER, José. **Temas de Psicologia: entrevistas e grupos.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 2000.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. Macaé: história, identidades e crises. In: SILVA, Scheila Ribeiro de Abreu e. Carvalho, Meynardo Rocha de. (Orgs). **Macaé, do caos ao conhecimento: olhares acadêmicos sobre o cenário de crise econômica.** Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019. 576p.

COUTO, Cremilda Barreto. Breve Análise da Educação em Macaé no Período de 2012-2018: possibilidades pós-crise. In: SILVA, Scheila Ribeiro de Abreu e. Carvalho, Meynardo Rocha de. (Orgs.). **Macaé, do caos ao conhecimento: olhares acadêmicos sobre o cenário de crise econômica.** Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé, 2019. 576p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

ESTEVES, Manuela. Para um desenvolvimento profissional ao longo da vida. **Revista Educação em Foco.** Ano 17- nº 23- julho de 2014- p.17-44.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artmed, 1991.

FONTOURA, Helena Amaral. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: FONTOURA, H. A. (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011, p. 61-82.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006b.

GATTI, Bernadete. Pesquisar em Educação: considerações sobre alguns pontos-chave. **Revista Diálogo Educacional**, vol.6, num. 19, setembro-dezembro, 2006, p. 25-35.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: teoria e prática. 6. Ed. São Paulo: Heccus Editora, 2015.

LA TAILLE, Yves de. [*et al*]. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista qualitativa**: elaboração e análise de conteúdo - Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. UNESCO. 2ª edição. Cortez Editora, 2011.

NÓVOA, Antônio. **Carta a um jovem investigador em Educação**. Investigar em Educação – IIª série, número 3, 2015.

NÓVOA, Antônio. **Escolas e professores, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022, 116p.

NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vidas de Professores**. Coleção Ciências da Educação. 2ª ed. Portugal. Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, de Daniel, et al. Educação em Tempos de Pandemia. In: Tavares, Maria Tereza Goudard; Carvalho, Rosa Malena de Araújo (Orgs.) **Lições da Pandemia**: movimentos sociais e lutas por direitos no Brasil. Rio de Janeiro. NAE Editora, 2021. E-Book.

PEREIRA, Lidia Soares. **A Escola s(em) Movimento em Tempo de Pandemia**. Trabalho apresentado no Seminário Processo Formativos e Desigualdades Sociais. Niterói: Intertexto, 2021.

PORTO, Olívia. **Bases da Psicopedagogia**: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SACRISTÁN, José Gimeno. A Construção do Discurso sobre a Diversidade e suas Práticas. In: ALCUDIA, Rosa *et al.* **Atenção à Diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.p. 13-37.

SOARES, Lidia. Formação Docente: os caminhos percorridos de uma professora. In: FONTOURA, H. A. (Org.). **Residência Pedagógica: percursos de formação e experiências docentes na Faculdade de Formação de Professores da UERJ**. 1ª ed. Niterói: Intertexto, 2011, p. p. 97-106.

SOUSA, Francisca Maria Alves de Andrade. Distúrbios e Dificuldades de Aprendizagem: uma interface entre saúde e educação. In: SAMPAIO, Simaia & Freitas, Ivana Braga de (Orgs). **Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades especiais**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino. Modos de narração de discursos da memória, Biografização, Experiências e Formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição & SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs). **(Auto)biografia: formação, território e saberes**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.